

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
JOCIMARA DE OLIVEIRA LIMA**

**FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS: POCKET PARK IMPLANTAÇÃO DE UM
ESPAÇO CONFORTAVEL**

CASCABEL

2017

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
JOCIMARA DE OLIVEIRA LIMA**

**FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS: POCKET PARK IMPLANTAÇÃO DE UM
ESPAÇO CONFORTAVEL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Arquitetura e Urbanismo

Professor Orientador: Daniele Bum Souza

CASCADEL

2017

JOCIMARA DE OLIVEIRA LIMA

**FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS: POCKET PARK IMPLANTAÇÃO DE UM
ESPAÇO CONFORTAVEL**

DECLARAÇÃO

Declaro que realizei em Maio de 2017 a revisão linguístico textual, ortográfica e gramatical da monografia e artigo científico de Trabalho de Curso denominado: fundamentos arquitetônicos: Pocket Park implantação de um espaço confortável, de autoria de Jocimara de Oliveira Lima, discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo – FAG e orientado por Daniele Bum Souza Tal declaração contará das encadernações e arquivo magnético da versão final do TC acima identificado.

Cascavel/PR, 23, Maio de 2017.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
JOCIMARA DE OLIVEIRA LIMA**

**FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS: POCKET PARK IMPLANTAÇÃO DE UM
ESPAÇO ACOLHEDOR**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis
Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo, sob a orientação da Professora Mestre Daniele Bum Souza

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora: Daniele Bum Souza

Centro Universitário Assis Gurgacz

Arquiteto e Urbanista, Mestre

Simone Ribeiro dos Santos
Centro Universitário Assis Gurgacz

Arquiteto e Urbanista

Cascavel/PR, 23, Maio de 2017.

EPÍGRAFE

*"O jardim é uma natureza organizada pelo homem e
para o homem"*

Roberto Burle Marx

RESUMO

A presente pesquisa explora a História e Teorias da Arquitetura que ampara o embasamento da proposta de criar ambiente adequado e confortável, com propósito, a necessidade da reorganização espacial. Compõe-se em mostrar a importância do contato com a natureza, em um *Pocket Park* (parque de bolso), analisa parques existentes e complexidade direta que o parque propõe, as influências resultantes benéficas do lazer a saúde, a qualidade de vida, e que ainda amenizam o calor, a poluição os fluidos e vandalismos locais. Destaca que as *Pocket Parks* promovem dinamismo ocupacional da população local e visitante, e oferece equipamentos públicos acessíveis. O estudo mostra a importância dos parques e dos movimentos sociais urbanos, relevantes a preservação de áreas verdes e a busca de implantação de novos espaços agreguem melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Apresenta conceitos para a elaboração ao projeto urbanístico de um *Pocket Park*, referente a cidade de Cascavel- PR, priorizando atender os frequentadores do UOPECCAN (União Oeste Paranaense de Estudo e combate ao Câncer) e comunidade local. Proposta de projeto que cria um espaço agradável, benéfica saúde por seus aspectos paisagísticos, valorizando a natureza e o ser humano e a vida.

Palavras-Chave: Pocket Park, Cascavel, Lazer, Espaço Público.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Área central da praça Victor Civita.	37
Figura 02: Caminhos Praça Victor Civita.	37
Figura 03: Diagrama Praça Victor Civita.	38
Figura 04: Diagrama Greening Slack Plaza.	39
Figura 05: Calçada Greening Slack Plaza.	39
Figura 06: Diagrama Greening Slack Plaza.	40
Figura 07: Entrada do Parley Park.	41
Figura 08: Cascata Parley Park.	41
Figura 09: Diagrama Parley Park.	42
Figura 10: Greenacre Park.	43
Figura 11: Cascata Greenacre Park.	43
Figura 12: Cascata Greenacre Park.	44
Figura 13: Localização Cascavel.	46
Figura 14: Terreno.	48
Figura 15: Localização no perímetro Urbano de Cascavel.	48
Figura 16: Dimensão de Terreno.	49
Figura 17: Limite do terreno.	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

CONIACC – Confederação Nacional de Instituições de Apoio e Assistência à Criança e ao Adolescente com Câncer.

EUA - Estados Unidos da América

EPA - Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PR – Paraná.

UOPECCAN - União Oeste Paranaense de Estudo e combate ao Câncer.

UTI - Unidade de Tratamento Intensivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 ASSUNTO.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA:	10
1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	11
1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE	11
1.5 OBJETIVO	11
1.5.1 OBJETIVO GERAL	12
1.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	12
1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	13
1.7.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	13
1.7.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS.....	15
2.1 HISTÓRIAS E TEÓRIAS	15
2.2 METODOLOGIAS DOS PROJETOS ARQUITETÔNICOS E PAISAGÍSTICO	17
2.3 URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	21
2.4 TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	25
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO	28
3.1 HISTÓRIA DAS PRAÇAS NO MUNDO	28
3.2 CONCEITUAÇÃO NO BRASIL.....	29
3.4 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL.....	30
3.4 CONCIÊNCIA AMBIENTAL	30
3.5 PRODUÇÃO PAISAGÍSTICA NO BRASIL.....	32
3.6 ANÁLISE DO LAZER E QUALIDADE DE VIDA	34
3.7 A VALORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS.....	35
3.8 CONFORTO TÉRMICO.....	35
3.9 SUSTENTABILIDADE NA CRIAÇÃO DOS PARQUES	36
4. CORRELATOS.....	38
4.1 FORMA CONSTRUTIVA.....	38
4.1.1 PRAÇA VÍCTOR CIVITA.	38
4.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO	40
4.2.1 GREENING SLACK PLAZA.....	40
4.3 PROPOSTA CONCEITUAL	42
4.3.1 PARQUE DE PALEY	42

4.4 PROPOSTA FUNCIONAL.....	44
4.3.2 GREENCRE PARK	44
5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO	46
5.1POCKET PARK.....	46
5.1CASCATEL - PR.....	47
5.2 HOSPITAL	48
5.3 LOCALIZAÇÃO.....	49
5.4 TERRENO.....	51
5.5 FUNCIONALIDADE E APLICABILIDADE	51
5.7 PLANO DE NECESSIDADES	52
5.8 MOBILIÁRIO PROPOSTO.....	52
5.9 VEGETAÇÃO.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIA:	56

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como assunto a implantação de um local de lazer para a cidade de Cascavel- PR. Um espaço que agregue uma boa arborização, amenizando o estresse do cotidiano, promovendo o contato com a natureza, trazendo benefícios psicológicos, sociais, e a saúde dos indivíduos frequentadores do UOPECCAN, oferecer equipamentos públicos acessíveis para atender os internos e a comunidade local, manter um espaço integrado e diversificado em suas funções. A ideia é a realização de um espaço agradável benéfica saúde por seus aspectos paisagísticos, valorizando a natureza e o ser humano

Visa analisar parques existentes e complexidade direta que o parque propõe, e as influências resultantes benéficas a saúde, também ameniza o calor, a poluição os fluidos e vandalismo locais, as áreas abertas promovem o dinamismo a população local e visitante, a inserção de equipamentos recreativo e esportivo.

As profundas transformações ocorridas e as mudanças comportamentais iniciadas nos últimos trinta anos. A valorização dos parques, novos significados ao lazer e à recreação ao ar livre. Parques ecológicos que conciliam os usos de lazer da população com os objetivos de influências a saúde, conservação dos recursos naturais. O projeto em questão trata-se de uma estratégia implantação e conservação de *Pocket Parks*, (Parque de bolso) reservar um espaço que agreguem uma boa arborização e bastante área de infiltração em meio a tanta pavimentação. Enfatizando a importância de áreas de lazer e recreação para a sociedade, priorizando a qualidade de vida.

1.1 ASSUNTO

Fundamentos Arquitetônicos: *Pocket Park* implantação de espaço confortável.

1.2 JUSTIFICATIVA:

A pesquisa abordará relação homem, meio ambiente e espaço construído, e os benefícios que a natureza traz para a saúde.

O estudo mostra a importância dos parques e dos movimentos sociais urbanos, a preservação de áreas verdes e a busca de implantação de novos espaços para melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Este presente trabalho abordará a importância de *Pocket Parks* e a influência benéfica a saúde, a localização e implantação, o conceito dos parques já existentes a combinação desses espaços a conservação e preservação de áreas verdes, e organização de modo sustentável. A inserção do *Pocket Park* em Cascavel -PR, seus usos, formas e apropriações, o importante papel que este exercerá no cotidiano dos usuários.

A relação do homem, meio ambiente e espaço construído, os movimentos sociais urbanos que se aplicam nestes locais, a diminuição das ilhas de calor, da poluição dos fluidos e vandalismos locais, a implantação de novo espaço, aberto para promover o dinamismo a população local e visitante, a inserção de equipamentos recreativo e esportivo.

As profundas transformações ocorridas e as mudanças comportamentais iniciadas nos últimos trinta anos. A valorização dos parques novos significados ao lazer e à recreação ao ar livre. Parques ecológicos que conciliam os usos de lazer da população com os objetivos de influenciar a saúde, conservação dos recursos naturais.

Abordará relação homem, meio ambiente e espaço construído, e os benefícios que a natureza traz para a saúde.

O estudo mostra a importância dos parques e dos movimentos sociais urbanos, a preservação de áreas verdes e a busca de implantação de novos espaços para melhoria da qualidade de vida das pessoas.

1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Quais os princípios dos *Pocket Parks*, sua importância, benefícios à saúde física e psicológica?

1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

Os *Pocket parks* são espaços de lazer e recreação, um layout arquitetônico/paisagístico, aplicado em áreas sem uso, valorizando o local e seu entorno, são enfim pequenos parques considerados um oásis no meio urbano, lugares agradáveis, humanizados, que impõe potencial à área. Proporciona ambientes de consumo e interação social, abrangendo a população em um todo desde faixas etárias, classes sociais, econômicas e culturais.

1.5 OBJETIVO

Enfatizar a importância de áreas de lazer e recreação para a sociedade, priorizando a qualidade de vida.

1.5.1 OBEJETIVO GERAL

Mostrar a importância do contato com a natureza, benefícios psicológicos, sociais e físicos a saúde dos indivíduos, como, por exemplo, a redução do sedentarismo e amenizar o estresse do cotidiano urbano. Assim, o planejamento correto e a conservação de parques públicos se revelam como significativa estratégia para uma política efetiva do projeto urbano e da saúde pública. O objetivo deste trabalho é elaborar um projeto arquitetônico e urbanístico de um *Pocket Park* em Cascavel, para atender os frequentadores do Uopeccan, com equipamentos públicos acessíveis para atender os internos e a comunidade local, bem como a previsão de instalação de estabelecimentos privados com o fim de explorar e manter um espaço integrado e diversificado em suas funções. A ideia é a realização de um espaço agradável benéfica saúde por seus aspectos paisagísticos, valorizando a natureza e o ser humano.

1.5.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS:

A importância de parques;
 Os primeiros espaços ajardinados
 A consciência ambiental;
 Produção paisagística no Brasil;
 Analise o lazer, Qualidade de vida;
 A valorização dos espaços urbanos;
 Sustentabilidade na criação de parques;
 Projeto *Pocket park*.

1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO

É importante reiterar que a valorização do espaço urbano, através de ações de planejamento, podem evitar impactos negativos, envolver populações, conservar ambientes naturais e artificiais, e ainda, promover a integração social associada ao lazer e bem estar da cidade como um todo.(RIBEIRO, SILVEIRA 2006)

Para Lima (2006) além de servirem como equilíbrio do ambiente urbano e de locais de lazer, também podem oferecer um colorido e plasticidade ao meio urbano. Outro fator importante referente à vegetação é a arborização das vias públicas que serve como um filtro

para atenuar ruídos, retenção de pó, reoxigenação do ar, além de oferecer sombra e a sensação de frescor.

Ao longo do período um repertório de imagens simbólicas “cidade brasileira com melhor qualidade de vida”, “cidade que pode salvar o mundo”, “cidade do futuro”, “cidade modelo” e outras, além da educação ambiental que foi outro ponto de sustentação na construção do cenário de “capital ecológica”, partindo do princípio de que “é mais fácil conscientizar a população a partir do problema local, do problema do dia-a-dia das pessoas”, a educação ambiental passou a fazer parte da filosofia das atividades de planejamento da cidade (MENEZES, 1996).

1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O desenvolvimento deste estudo será qualitativo, a coleta dos dados será realizada através de análise e revisão bibliográfica. Abordam diretamente o paisagismo e qualidade de vida, a importância de Espaços e suas complexidades, a metodologia da organização do espaço urbano. O planejamento de ocupação do espaço urbano, com enfoque nos conceitos e teorias, social, política, econômica e cultural.

A problematização implica em detectar e apontar as questões resolvidas na prática social e, por consequência, estabelecer que conhecimentos são necessários para a resolução destas questões e as exigências sociais de aplicação desse conhecimento, passa da ação para a conscientização.

1.7.1 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa, aborda de cunho qualitativo busca dados e significados, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Triviños (1987). O uso da descrição qualitativa procura captar a aparência do fenômeno e suas essências, descrever, compreender, explicar, a precisão das relações entre o global e o local, suas relações e mudanças, segue ao entendimento das consequências. Ainda de acordo com esse autor, é desejável que a pesquisa qualitativa tenha como característica a busca por:

[...]uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que

sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc. (TRIVIÑOS, 1987, p.132).

1.7.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Vergara (2000), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, livros e artigos científicos que abordam informações básicas direta e indiretamente ligados ao nosso assunto. A pesquisa bibliográfica fornece ao investigador um instrumento analítico, cruzar informações, correlacionar os paradigmas, concentrando-se na compreensão e explicação das relações sociais.

2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

Ao dar início a pesquisa foi necessário realizar as aproximações teóricas nos fundamentos arquitetônicos, com isso, formulou-se os quatro pilares da arquitetura, sendo estes: Histórias e Teorias, Metodologias de Projeto; Urbanismo e Planejamento Urbano, e Tecnologia da Construção. A partir disso, foram desenvolvidas as fundamentações teóricas percorridas, servindo de base para conhecimentos e compreensões sobre o tema proposto.

2.1 HISTÓRIAS E TEORIAS

O surgimento da praça ajardinada é um marco na história dos espaços livres urbanos brasileiros, pois altera a função da praça na cidade [...]. A praça agora é um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio. [...] A praça é, com certeza, um dos espaços urbanos mais visíveis e, por isso, extremamente sensíveis a transformações de caráter modernizante por parte do Poder Público, que, tanto nesses anos como em tempos passados e futuros, empreende sucessivas e drásticas substituições de velhas e tradicionais estruturas paisagísticas por outras ditas modernas, construindo uma série de logradouros concebidos de um modo moderno. (MACEDO, 2010, p.12, 29)

As Histórias e Teorias da Arquitetura, que serão tratado neste trabalho, foram dispostas de informações citadas por Zevi(1996) que abrange a necessidade do arquiteto de conhecer a história e o espaço, com uma análise urbanística, arquitetônica, volumétrica, e decorativa, e acrescenta que não existem instrumentos que orientem o arquiteto a projetar uma boa arquitetura, e nem aspectos que diferenciam a arquitetura de obra boa e de um edifício horrível, afirma que a estética antiga era representada na arte remetendo emoção, e que o conhecimento histórico é o aparato para desenvolvimento não só da forma, e sim as sensações que mesma remeterá.

A forma ou a configuração espacial do espaço público obedece, na maioria das vezes, a uma forma definida, mesmo quando não existe nenhuma forma compacta nem o marco de uma fila continua de edifícios, nem se apresenta a dominante de uma estrutura permanente. Afirma ainda Romero (2001) que o uso contemporâneo do espaço público é mais limitado comparada com outras épocas (especialmente e relação aos usos que se constata nas ruas medievais). Entre esses usos, assinala como os mais frequentes: sentar, parar, caminhar, comer, ler, escutar e reunir-se.

Libanez (1985) explica que a preocupação com os espaços resultou ao estudo diferenciado após a Revolução Industrial que proporcionou análises do espaço urbano,

definindo o planejamento urbano como uma ação sobre a cidade. Para Lynch (1997) o meio ambiente se torna a imagem da cidade, e deve ser adaptável para atender às necessidades das pessoas que o circundam. Já Colin (2000) diz que toda obra é uma arte a ser contemplada e deve ter solidez, utilidade e beleza. Voordt (2013), destaca que toda obra deve oferecer qualidade e funcionalidade.

A história da humanidade é escrita sobre a paisagem. Cada civilização, cada império que passou deixou sua marca de alguma maneira importante. A pessoa há milênio sentem a necessidade de construir e criar, não apenas para atender as necessidades primárias de alimentação, abrigo e companhia, mas também para edificar monumentos gloriosos que simbolizem suas ambições coletivas. (WALTERMAN, 2010 P. 12).

A história da criação dos parques urbanos, se deu com a demandas por espaços naturais voltados para o lazer e recreação, surgiram para amenizar o processo de urbanização dos grandes centros. (VAINER, 2010). O parque urbano surgiu com intuito de dotar espaços adequados para a demanda social, proporcionar lazer ao tempo disponível, amenizando a correria diária da vida agitada. A criação desses ambientes destinou-se qualidade de vida urbana no bem-estar das pessoas, e surgiram no Brasil com a mesma concepção e se espalharam até o final dos anos 90. (SILVA, 2003).

Desde tempos, áreas verdes e jardins se destacam com a finalidades de passeio, lugares luxuosos e de repouso. Atualmente com o crescimento das cidades, os espaços se tornaram não só apenas uma exigência ornamental da malha urbana, mas também uma necessidade higiênica, de recreação e defesa do meio ambiente. Comportam o verde urbano e destacam a importância da qualidade ambiental, pois o misto, entre o verde e o concreto desencadeia o equilíbrio dos ecossistemas, resultando em vários processos de erosão. (SAMPAIO, 2011).

Para Segawa (1996) os jardins públicos formalizavam os espaços segundo os conceitos urbanísticos caracterizado por áreas livres nos aglomerados, muitos ainda seguem os estilos europeus medievais, renascentistas e barrocos. Apresenta uma natureza distinta exposta em formas que contempla a sociedade que desfilam sua presença. Já Sakata (2003), Parte do princípio, em que a inserção de Parques, sua locação e a contribuição à cidade, abrange a organização das áreas livres, permitindo um ambiente saudável, que propicia o desenvolvimento a atividades humanas, atendem a comunidade, valoriza a vegetação existente, e a integração ao entorno, e vêm ganhando importância cada vez mais, pois atuam proporcionando conforto humano no ambiente, por meio das características naturais da vegetação arbórea.

Os *Pocket Parks* se apresentam com diferentes funcionalidades e configurações, das quais estão diretamente relacionados aos padrões de crescimento e gestão ambiental, alguns são implantados para receber multidões, porém outros apenas à proteção local e ambiental. Um consenso na literatura, entretanto, é que parques urbanos são estrategicamente importantes para a qualidade de vida das pessoas no conjunto das sociedades em crescente urbanização. (ROBBA, 2003).

Menezes (1996), Se refere a definição de parque, pela sua funcionalidade e medida diversificada em que a sociedade se transforma ao longo dos anos. Então, é necessária cautela, sobretudo, para não reduzir o significado das inúmeras acepções de um parque ao senso comum, ou seja, um espaço destinado ao lazer que se confunde com a praça e o jardim.

Nas grandes metrópoles o estilo de vida saudável vem se tornando cada vez mais escasso, por demandas dadas a rotinas trabalhistas, o transporte precário, a falta de lazer, entre outros itens, o acesso à saúde pública. O Patamar apresentado pelo Brasil está longe da excelência, porém está se locando o aproveitamento de aparelhos disponíveis socialmente em benefício da sociedade. Locais sem uso se tornam oportunidades para a criação de espaços como parques e áreas para realização de atividades, gerando bem-estar e saúde. A utilização dos espaços vem acarretando à melhora na qualidade de vida, prevenindo doenças, reduzindo muitos comportamentos antissocial, se tornando fonte de lazer, convívio e sobrevivência ecológica. (REIS, 2001).

2.2 METODOLOGIAS DOS PROJETOS ARQUITETONICOS E PAISAGISTICO

Com abordagem em Metodologia dos Projetos Arquitetônicos e Paisagísticos, levaram-se em consideração os estudos de autores como Waltermann (2010) e Hertzberger (1999), que destacam a preocupação com os espaços projetados pelos arquitetos e a relação inserida ao entorno e aos usuários, a importância da demarcação territorial e das formas e possibilidades de acesso aos espaços, expressando as diferenças pela articulação da forma, do material, da luz e da cor envolvendo o público e incluindo a comunidade como parte dela.

Além destes, os estudos de Oberg (1979), ressaltam as informações que devem ser levadas em consideração na hora de projetar, e os instrumentos utilizados para a representação dos projetos arquitetônicos. Expostas também, as preocupações quanto à utilização de arranjos e combinações de cores, composições diferentes, pensando nas sensações que serão remetidas na obra para em um todo (LACY, 1996).

Filho (2001) refere -se o estilo de se fazer jardins, com as diretrizes específicas no aspecto material, técnico e estético, determinando um local, povo ou uma época. Representando aos jardins, tendências e padrões da cultura social. O paisagismo público, enfatiza ao ajardinamento, que adota lugares urbanos vazios agregando uma identidade e um significado embelezando, higienizando e a valorizando à elite em conjunto com a sociedade. As várias funções que se dão as áreas verdes e os espaços livres, destaca-se o desempenho do meio urbano, divididos em: valores paisagísticos, valores recreativos, e valores ambientais. Todas estas funções, independente da aplicação social, resulta em reflexos na qualidade de vida da população, operacionais e ações de determinantes básicas.

A Sabendo que o cenário urbano, palco de experiência cotidiana, deve muito de sua feição a essa dinâmica produtora de espaços, já que a evolução das grandes cidades modernas funda-se, em boa parte, no modo como são organizadas e se desenvolvem as relações entre espaços utilitário e espaços não-utilitários. No Brasil, no apogeu do industrialismo – entendido aqui como o conjunto de orientações e valores que moldaram a nossa face urbano-industrial até a primeira metade desse século – essa polarização foi relativamente tênue, como evidente privilégio às áreas urbanas que se destinavam à atividade produtiva. Desde a sua localização, extensão, vias de acesso e serviços Urbanos, os favores e incentivos oficiais sempre foram infinitamente maiores e essas áreas que àquelas voltadas a funções consideradas não-produtivas tais como parques, praças e jardins, espaços de jogos ou recreações. (MIRANDA, 2001 p.16).

Macedo (1995) define todo o espaço público genericamente à população destinado a circulação, e acrescenta que a cidade brasileira contemporânea está se especializando ao extremo, separando-os em circulação e acesso, lazer e recreação, e conservação. Os espaços livres de edificações, tem elementos básicos da configuração formal da paisagem urbana, e as diferentes configurações que variam de cidade pra cidade.

O estado porém deve dar mais ênfase aos aspectos essenciais da vida, deveria investir ao lazer tanto quanto na saúde, educação e transporte e outras áreas fundamentais para sobrevivência saudável. O lazer se torna cada vez mais essencial a todos. (MARCELINO, 2001).

Cascavel dispõe de um programa de calçadas voltada à acessibilidade, e segue incentivando, e fiscalizando a ampliar a sua utilização. A legislação urbanística e ambiental segue utilizando um instrumento que promove um adequado ordenamento do solo urbano e rural, priorizando a implantação de ambientes atraentes, seguros, acessíveis, funcionais e agradáveis (PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, 2017). Para Schneider (2012) Cascavel manterá o processo permanente da atualização urbanística seguindo a legislação,

acompanhando as continuas transformações, explorando a valorização dos munícipes e visitantes.

Franco (1997) tem em vista a qualidade, os fatores determinantes a organização sócio-política, e econômica, que derivam as formas e as novas tecnologias – extração e reciclagem dos recursos naturais, urbanização e a comunicação. Essa metodologia estabelece arquitetura definida primordialmente para a solução visual, contribuindo com as necessidades usuais do entorno.

Vidal (2005) relata os múltiplos questionamentos a respeito dos graves problemas a saúde que decorrem da alvoroçada e angustiante agitação das grandes cidades. Fato que vem os aprisionando a população nas rotinas pulsante das malhas metropolitanas, a rotina estressante compete o cidadão urbano que não encontra saídas para escapar da lastimável condição. Quando à falta de planejamento na cidade tudo se complica os centros desprovidos aglomeram a extensa ansiedade e fluxo desgastantes, tornando rotina diária conturbada, a exposição rotineira acaba resultado em malefícios decorrentes da poluição ambiental – envenenamento do ar por gases tóxicos e ruidosa, ensurdecadora agressão sonora, além de estonteante degradação visual.

Os espaços promovem a melhora no convívio, a troca de informações aprimorando as habilidades pessoais, influencia diretamente na positividade determinante da saúde. Da o direito um espaço propício ao encontro individual e coletivo, lugar estratégico para tomadas de decisões ou de renovação de paz e forças, das quais as pessoas se incentivam a viver, um espaço que apoiem o processo decorrente a falta de saúde. Local possa haver comunicação tradicional, tanto quanto novos meios de informação que apoiem os frequentadores, inovando os recursos sociais, culturais e espirituais. (OTTAWA, 1986).

Visto que a atividades de Lazer se caracterizam, conforme Dumazedier (1976), se faz necessário a escolha espontânea de modo geral, que agregue momentos saudáveis, de dinamismo para a formação de experiências e valores, desenvolvendo autonomia. Algumas atividades profissionais têm focado motivando a experiência aos indivíduos de interagir com a natureza e áreas de convívio (CAMARGO, 1992). É na perspectiva de contemplação que muitas pessoas encontraram em algum especial capaz de motivar e renovar as alegrias, da saúde e do bem estar perdidos na caótica falta de saúde, ou na correia dos grandes labirintos das cidades. Vidal (2005) trata esses espaços como obra de alguém que souberam projetar, e acima de tudo projetou para a própria vida, uma condição mais humana e adequada ao seu tempo e espaço.

É justamente na paisagem que os paisagistas encontram a matéria prima para o exercício da profissão. Nela, eles focam seus estudos e desenvolvem técnicas

que lhe permitem transforma-la em ambientes que satisfaçam os desejos e as necessidades humanas. (FILHO, 2001 p.15).

Voordt (2013), assegura que os projetistas costumam dar muito valor à expressividade e à originalidade, primeiramente seguem a as considerações artísticas, algo que lhes de renome. Alguns chegam a ponto de escolher a forma com base, primeiramente, em considerações artísticas, em metáforas ou no desejo de propagar ideias ou significados específicos, a cultural refere-se os critérios como originalidade, expressividade, relaciona o ambiente, como uma peça de valor histórica cultural, qualificando o projeto e a vivencia.

Para Marcelino (2001) divertimento, recreação e entretenimento, proporcionam vivencias buscam distração, e superação da rotina, sensação de prazer vivenciados na pratica de passar horas em lugares aconchegantes e tranquilo, em descanso, repouso, ou até mesmo realizando atividade que permitem alivio da fadiga, sossego físico e mental, momentos que repara o cansaço e as tensões do dia a dia. Desenvolve o amadurecimento de personalidade, pessoais e sociais,” [...] que permite uma participação social maior e mais livre, a pratica de uma razão, além da formação pratica e técnica”. Ainda acrescenta que contribuição tem significativa para a valorização da vivência cidade, quebrando a monotonia, incentiva vínculos afetivos. Além disso, preserva a identidade dos locais, aumenta o seu potencial turístico.

O urbanismo deve valorizar os locais públicos, evitar o isolamento e a privatização, instrumentos tão presentes nos dias atuais. Assim, analisou-se a potencialidade do centro em proporcionar à população áreas livres de qualidade e em quantidade. Áreas estas que devem ser diariamente acessíveis, ou seja, criar espaços de descanso, lazer e bem-estar sem que seus habitantes precisem se deslocar para áreas mais distantes do tecido urbano. O centro é um ponto de convergência, seja para os que o tem como ponto de passagem ou para os que trabalham ou usufruem dos serviços presentes no corredor central – para estes o tempo de permanência é maior quando comparado aos que o usam como trajeto. (NERY, 2010).

Laboda (2005) fala que os espaços são integrados no sistema de áreas verdes, seguem em função do volume, distribuição, densidade e tamanho dos centros urbanos, trazendo inúmeros benefícios ao seu entorno. Proporcionam a melhoria da qualidade de vida pelo fato de garantirem áreas destinadas ao lazer, paisagismo e preservação ambiental. Esses espaços agem simultaneamente em ambos os lados tanto no físico quanto no mental do Homem, área s que absorvem os ruídos, atenuam o calor do sol, e ao plano psicológico, purifica o sentimento de opressão que o homem adquire em relação às grandes edificações, além de purificar o ar, por desempenhar uma grande arborização contribui para a formação estética da cidade.

2.3 URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

No urbanismo e planejamento urbano. Franco (1997) coloca bem a necessidade do conceito de conservação ambiental, visando a qualidade, os fatores determinantes a organização sócio-política, e a organização econômica, que derivam as formas e as novas tecnologias na extração e reciclagem dos recursos naturais, urbanização e a comunicação. Segundo Filho (2001), deve-se buscar transformar as paisagens em ambientes que satisfaçam as necessidades humanas, e conforme Rodrigues é preciso analisar todas as disfunções urbanas para reestruturar dentro das necessidades do coletivo, e Abbud (2006) diz que se deve buscar na paisagem ao redor a criação de espaços para a obra.

Sakata (2003) resume o papel real do parque e destaca que o espaço livre público é estruturado por vegetação, e dedicado ao refúgio para lazer no meio urbano. Desta forma o estudo sobre o urbanismo e o planejamento urbano disponibilizou a política urbana, e ideais adequados a circulação entre os espaços.

Segundo Vasconcellos (2009), o parque era estratégia constituída, e pensava na cidade de maneira desarticulada e pontual, sendo do conjunto dos problemas urbanos. A gestão ambiental do período configurou-se com importante mecanismo de apoio as relações harmônicas entre a sociedade e os gestores do meio ambiente, os parques urbanos assumiram o significado da coletividade (DIAS, 2010).

Ao embelezar as cidade e livrar as áreas livres de usos inadequados e ambientes insalubres, os parques urbanos mostravam grande utilidade para o projeto de desenvolvimento e, principalmente, para a imagem da cidade, uma vez que era de sua alçada “tornar menos impura a atmosfera das cidades e proporcionar espaços para a pratica da cultura física e dos passeios higiênicos[...] dividimos segundo as funções” (OLIVEIRA, 2010 p.10).

Gatti (2013) assegura que espaços públicos nas cidades indicam a necessidade de adaptações e criação de espaços verdes, suprimindo os problemas e potencialidades de cada lugar, direcionando os investimentos necessários e suas prioridades, investimentos na melhoria dos espaços públicos existentes, e no desenvolvimento de novos espaços, criando e liberando espaços para livre circulação de convívio.

A gestão ambiental dessas áreas depende da população alvo e de seu entorno. Para isso, é realizado um levantamento da área exata, a divulgação dessa demarcação para as comunidades adjacentes e a cidade como um todo. É essencial para que a população se empodere do parque

enquanto espaço de uso coletivo. Sampaio (2011) E acrescenta que o intuito detalha os diversos aspectos no campo do lazer, aplica que a interlocução com os estudos de gêneros, destaca a experiências vivenciadas. Não se cabe tratar do lazer como um bem abstrato, e sim, direito de toda e qualquer pessoa, e o que implica revisitar suas próprias concepções e o modo como a cultura normatiza a qualidade de vida, proporcionando possibilidades etnia.

Segundo Macedo (2002) parque urbano é um espaço público livre repleto de vegetação exclusivo ao lazer da massa urbana, que abrange uma grande diversidade tipológica de lazer, esportivos, culturais, e ao lazer contemplativo. Sá Carneiro (2000) afirma que parques urbanos tem sua funcionalidade predominante a recreação, ocupando na malha urbana uma área com mobiliário e paisagem natural. O autor Sakata (2003) simplifica o parque urbano todo e qualquer espaço de uso público proposto à convivência e massa e com intenções de conservação da natureza e, estrutura morfológica auto-suficiente. E acrescenta que se torna diretamente influenciada por seu entorno.

Searns (1995), Frischenbruder e pellegrino (2006). Simplifica que o meio ambiente oferece qualidades aos usuários, influencia consideravelmente o cotidiano dos frequentadores, contribui para desenvolvimento individual. Com o passar dos tempos a preocupação com a qualidade de vida veio ganhando espaços, se aliando a espaços “naturais” criados pelo homem. Espaços naturais mistos, se interagem entre o fluxo urbano, tais ilhas verdes que se tonam refúgio a maioria dos aglomerados. As cidades ganham espaços, praças, parques públicos que acolhe os munícipes lhes proporcionam lazer, e embelezam a paisagem urbana, valorizando e atraindo interesses a comunidade local e regional.

A natureza, a paisagem, o jardim público, nada mais significa por si. São os Humanos que atribuem significados que vão qualificar as imagens, os objetos. Somente uma experiência previa, uma leitura qualificadora anterior, permite aprender certas características da natureza, porquanto são característica inventadas por homens e mulheres. Elas transcendem a pura intuição, são construções da criatividade. A natureza, a paisagem, os jardins são entidades demasiadamente complexas, estimulantes e dispersivas para serem pronta e diretamente assimiladas pela sensibilidade humana. (SEGAWA, 1996, P. 255).

De acordo com Segawa (1996) os parques e jardins se destacam como áreas preciosas de descanso, lazer e contemplação. A natureza, os parques, os jardins, nada significam por si. Eles dependem do ser humano, são eles que atribuem para o significado que vão qualificar as imagens, os espaços, os objetos que neles existem. À função se destaca ao uso, utilidade e serventia, que considera o parque um bosque, que cada espaço tem a sua especificidade, acrescentado suas

características urbanística definida, projetada para usos específicos, e implantado a necessidade local e áreas abrangentes.

Na legislação municipal existente novo Código Florestal, aprovou a lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012 medida provisória nº 571 de 2012, que aplica regras nos espaços territoriais protegidos em áreas urbanas. O objetivo é a conscientização dos munícipes da importância de espaços ecologicamente equilibrado, focando o perímetro urbano da cidade de Cascavel – PR, e que se torna essencial para vida para gerações presentes e futuras.

Os parques oferecem canais de mobilidade e distração interativos para a cidade, geram conectividade, são compatíveis com a ideia de desenvolvimento sustentável, são complementares ao planejamento urbano, sobretudo, tem um caráter multifuncional, o que faz com que eles tenham o potencial de oferecer benefícios em diversos níveis. Esses espaços melhoram as condições ambientais da cidade e a qualidade de vida da população. Caracterizam-se também por ter um valor econômico, político e social. (SILVA, 2003).

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 1988 - Art. 196).

A Saúde é a busca intensiva de todo ser humano, sendo ela total ou parcial. Ainda que, partindo-se do pressuposto que seja um estado de equilíbrio, este se dá aos recursos oferecidos pelas diferentes sociedades e as manifestações vivenciadas: alimentação, atividade física e descanso. Quando as atividades requerem movimento e esforço físico como andar, correr, caminhar, praticar esportes, brincar, etc., o lazer é considerado ativo. Quando as atividades não demandarem ações motoras intensas, movimento, tornando o indivíduo um expectador da atividade em si, como conversar, descansar, apreciar o movimento ou paisagem, refletir, lancha, etc., o lazer é definido como passivo indica (MACEDO, 1995).

Em relação à saúde, a regulamentação infraconstitucional, a Lei n. 8.080/90, nos seus artigos 2º e 3º, em seu artigo 196, que a saúde é um direito fundamental do ser humano e deve ser garantido pelo estado ou por proteção e recuperação da saúde determinantes e condicionantes da saúde como alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer. Se abrange também à as ações impulsionam as condições de bem estar físico, mental e social da coletividade.

A qualidade de vida, potencializa com qualidade do ar, o uso misto do solo, espaços verdes que propiciam atividades, recreações, consequentemente beneficia a saúde física e mental dos cidadãos. Os Pocket Parks aumentam a atratividade da cidade, e agregam economicamente sendo traduzido em revalorização. Os espaços amenizam as disparidades sociais, geram vínculos entre cidadãos muitas vezes pertencentes a diferentes delimitações territoriais, fortalecendo a democracia, tornando ponto referencial importante para a cidadania. (SEARNS, 1995).

Segundo Segawa (1996) define a consolidação dos espaços urbanos, de forma contemporânea estabelecendo a ciência moderna e o surgimento de novas sensibilidades, olhares distintos a paisagem e redefinição das relações entre o homem e natureza.

Ottawa (1986) afirma que os determinantes para a saúde se encontram na paz, abrigo, segurança e relações sociais, no ecossistema estável, ao respeito dos direitos humanos. As tendências demográficas tais como a urbanização, o aumento no número de pessoas idosas e a prevalência de doenças crônicas, um comportamento mais sedentário, resistência a antibióticos e a outros medicamentos disponíveis, maior uso abusivo de drogas e a violência civil e doméstica ameaçam a saúde e o bem-estar de centenas de milhões de pessoas. É vital que a promoção da saúde alguns critérios básicos que moldam os valores, os estilos de vida durante as fases vivenciadas condições que convalidam os ânimos, exercendo um grande potencial a saúde. Tais como as estratégias da Carta de Ottawa, que defendem a elaboração de políticas públicas saudáveis, a proteção da saúde por meios ambientes relevantes ao bem estar, a inserção comunitária fortalecendo vínculos de diálogos na troca de experiências.

É importante destacar, aqui, alguns pontos: o primeiro é que começa a se delinear um pensamento que poderia ser nomeado como novo paradigma: a ideia de que a saúde é produzida socialmente; assim, a Promoção da Saúde está relacionada a um conjunto de valores: vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, participação, parceria, desenvolvimento, justiça social, revalorização ética da vida. (BUSS, 2000 p. 173).

Desta forma Buss (2000) define a natureza política dos processos de saúde, como algo que deve ser prevista em consequência das dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas que configuram os espaços locais e mais universais nos quais as coletividades e os indivíduos vivem. Ottawa(1986) concorda que o problema de saúde se agrava com o passar dos tempos, e se enquadra nessa era globalizada, e transcendem os limites nacionais, acrescenta que a saúde vem sendo afetado negativamente pelas tendências consequências da economia, socioculturais, políticas e ambientais.

A visão da intrínseca relação entre condições de qualidade de vida e saúde, aproxima os clássicos da medicina social da discussão que, nos últimos anos, vem se revigorando na área, e tem no conceito de promoção da saúde sua estratégia central. Redimensionado pelo pensamento sanitaria canadense a partir do conhecido Relatório (LALONDE, 1974).

2.4 TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

No que diz respeito à Tecnologia da construção, segundo Castro a arte, tecnológica e a metodologia devem se completar trazendo sustentabilidade e satisfação. Para Kazmierczak e Fabricio (2016) o desenvolvimento sustentável, busca suprir as necessidades da geração atual sem comprometer as próximas, seguindo os cinco princípios fundamentais repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar, respeitando as possibilidades ecológicas.

3.2 acessível: Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação. [...]3.12 calçadas rebaixada: Rampa construída ou implantada na calçada ou passeio, destinada a promover a concordância de nível entre estes e o leito carroçável. [...]3.16 elementos: Qualquer dispositivo de comando, acionamento, comutação ou comunicação. São exemplos de elementos: telefones, intercomunicadores, interruptores, torneiras, registros, válvulas, botoeiras, painéis de comando, entre outros. [...]3.34 piso tátil: Piso caracterizado pela diferenciação de textura em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha guia, perceptível por pessoas com deficiência visual.3.35 rampa: Inclinação da superfície de piso, longitudinal ao sentido de caminamento. Consideram-se rampas aquelas com declividade igual ou superior a 5%. (ABNT NBR 9050:2004 p.2,3).

A ABNT defende que os espaços, devem ser acessíveis a todos, inclusive a pessoas com mobilidade reduzida física de comunicação. Para isso se enquadra a construção do piso que deve ser escolhido e dimensionada corretamente por ser ao uso externo, e apropriado a acessibilidade, deve resistir as intempéries e o tráfego, afirma Pereira. Hertz concilia as influências da arquitetura antiga e moderna com o objetivo de obter uma arquitetura adequada, cita que o projetista deve analisar os elementos que interferem no conforto ou desconforto e a relação com o clima e seus horários de uso.

Lacaze (2001) vê que o urbanismo participativo recusa situa-se num espaço tão intelectualizado, e tem como princípio espaço para convívio, planificando o espaço urbano na estrutura de três dimensões o espaço, os homens e o tempo. A tecnologia da construção aprimorou os conhecimentos relacionados à ecologia, à sustentabilidade, focada no conforto

ambiental, e na busca de melhorias entre meio ambiente e sociedade. Gonçalves (2006) destaca o projeto arquitetônico sustentável, ao desempenho energético e o conforto térmico que deriva parâmetros compostos por vegetação, espelho da água, materiais adequados, que não agredam o meio ambiente.

Algumas motivações que justificam intervenções em centros urbanos devem-se as referências e identidade do local, a história urbana, a infraestrutura existente, a distribuição e abastecimento, deslocamentos pendulares, e a sociabilidade e diversidade. Quando se diz sobre a referência e identidade, e a história urbana diz-se sobre o centro ser um lugar onde se encontram as sedimentações e estratificações da história, e isto resulta a identidade e referências de seus cidadãos. Equipamentos sociais e culturais. “O descarte dessa infraestrutura, tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental, é injustificável.” (VARGAS, 2006).

Objetivo [...] criar, num espaço urbano predominantemente impermeável, uma interface entre o subsolo e a atmosfera [...]. Nas situações em que não seja possível a implementação de um sistema contínuo, [...] aconselha o restabelecimento da continuidade através da criação de elementos descontínuos, situados com relativa proximidade. (MAGALHÃES, 2001. P. 413).

As novas formas de flexibilidade ao meio ambiente preveem aprimorações futuras, como a sustentabilidade que se tornou um aspecto importante do valor, um pré-requisito da usabilidade. Técnicas construtivas e inovações vem aumentando a consciência de que não se pode sustentar um crescimento econômico constante com recursos limitados do planeta terra. (VOORDT, 2013).

Schneider (2012) analisou a delimitação do zoneamento, a correção os problemas e as adequações às necessidades para o uso sustentável da região, garantindo a implementação do mesmo atendendo, a estruturação interna do parque, integrando-o a espaço hospitalar já existente, elaboração programas de educação ambiental e comunicação social atividades de lazer, A implantação das áreas que promove saúde que fortaleçam e ampliem as parcerias na área da saúde.

A base teóricas e práticas desse programa são constituídas pelas experiências na programação e na animação das atividades artísticas nas mais diferentes modalidades, atividades físicas e esportivas, [...] Além desse conjunto de experiências de programação, registradas e analisadas permanentemente, o programa deve conter os referentes aos diferentes tipos de materiais, equipamentos mobiliário utilizados em instalações socioculturais. Suas características de resistência ao uso- adaptabilidade aos ambientes e às atividades, flexibilidade para as diferentes programações, avanço ou inovação

em possibilidade de uso pelo público, estética e facilidade de manutenção – devem ser constantemente observadas e verificadas, como referência para o mesmo processo de planejamento. (MIRANDA, 2001 p.39).

Sobre o mobiliário, Mascaro (2008), afirma estes devem existir em razão de sua própria necessidade, oferecendo segurança e plasticidade, assim acarretando momentos agradáveis, e se faz necessário um projeto para a manutenção dos mesmos e a escolha de materiais, evitando vandalismo e desgaste com o passar do tempo. Sun (2008), retrata que a praça não é apenas um espaço físico aberto, e sim um centro social integrado ao tecido urbano, que contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros, uma forma de lazer integrada e seu uso são importantes para a cidade, bem como seu valor histórico.

Segundo Baker (1998), destaca a necessidade de uma modificação na organização de alguns espaços, e julga que é de total importância e relevância a formação do arquiteto, e o progresso do conceito profissional, resultante no processo do planejamento e aproveitamento dos locais. Conta Farah (2010) que, nos dias de hoje, as paisagens urbanas estão extrapolando suas qualidades e seus condicionantes, envolvendo diversos campos disciplinares.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

3.1 HISTÓRIA DAS PRAÇAS NO MUNDO

Com o surgimento das indústrias e aumento das cidades, as praças ajardinadas se destacavam na história dos espaços livres urbanos, e suas funções se desenvolviam, variando com a necessidade urbanística, remetendo higiene, recreação e valorizando a preservação do meio ambiente nos centros urbanos. (SILVA, 1997). A arborização urbana refletiu um alto grau cultural na sociedade, melhorando o aspecto no cenário urbano, ao mesmo tempo agradável e eficiente. (MENDONÇA, 2000).

Netto (2002) aborda os aspectos urbanísticos, as necessidades humanas e as influências sofridas ao longo da história, relacionando as quatro relações urbanas sendo estas, habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito, segue ainda afirmando que a produção do espaço gera um sistema de produção adequado às necessidades do homem. O autor ainda acrescenta que a produção significa, mesclar os produtos da natureza com prática arquitetural que suprem as necessidades humanas.

Segundo Zevi (1996), a experiência espacial na arquitetura prolonga-se nas cidades com vazios criando espaços fechados, visto que seu interior é uma obra arquitetônica e o exterior reflete o urbanismo. O valor estético se mantém inalterado relacionado às obras contemporâneas e às passadas, a arquitetura moderna se identifica com a cultura poética e postura social. Já o espaço orgânico movimenta as ilusões perspectivas, e se dá ao movimento impressionista, destacam-se na criação de belos espaços que se representam na vida orgânica. Fontes (2000), refere-se a média proporcional entre o homem e a natureza, e a junção da arquitetura que representa-se no fenômeno das cidades e se desenvolvem com alegres áreas verdes.

A arquitetura é responsável pelo bem-estar e pela beleza da cidade. É ela que se encarrega de sua criação ou de sua melhoria, é ela que está incumbida da escolha e da distribuição dos diferentes elementos cuja proporção feliz constituirá uma obra harmoniosa e duradoura. A arquitetura é a chave de tudo. (Carta de Atenas, item 92).

Artigas (2004), complementa que a função do arquiteto se resume a expressão de dar vida aos materiais de construção, tornando-os estruturas sociais integrada como parte da cultura material, e se remete ao conceito envolvido no espaço, mesclando-se com o entorno transmitindo confiança ao público sobre a obra construída. Para Le Corbusier, “todos os homens

possuem as mesmas necessidades”. Desta forma usa-se as mesmas soluções no mundo inteiro, variando apenas pelo tamanho da cidade e da proporção necessária.

Pagnoncelli (2012) destaca os *Pocket Parks* o seu surgimento como tentativa de aproximação dos cidadãos, se loca entre os grandes edifícios proporcionando o lazer, em meados das quadras fechadas, e criando verdadeiros oásis urbanos, e medida que o tempo passa propicia o convívio rotineiro, recreação e atividades culturais, buscando fortalecer o convívio e a segurança a todos que o circundam. Se resume nas características explícitas nas suas dimensões, localização, funções e equipamentos. Atualmente a tipologia de *Pocket Parks* é desenvolvida em diversos países, seu sucesso se dá ao seu estilo adaptável, e que manter as características regionais sem perder a essência e sua tipologia. Sua localização funciona como rota de fuga, local que agrega rota de água, arborização equipamentos para recreação.

3.2 CONCEITUAÇÃO NO BRASIL

No Brasil existem planos de implantação em diversas capitais com o intuito de valorização urbana, focalizando na sustentabilidade, e a junção de parques lineares. A inserção na malha urbana, vem sendo incentivada em conjunto com educação ambiental. (SEPE, 2008).

A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infra-estrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados a questão ambiental. No caso do ambiente, constitui-se elemento imprescindível para o bem-estar da população, pois a influencia diretamente na saúde física e mental da população. (LOBODA, 2003 p.20).

Para Dias (2005) a proposta define o conceito de lazer em sua dimensão temporal e atividades funcionais influenciando diretamente a vida do homem, afirma que “Arquitetura é a arte ou ciência de projetar espaços organizados, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas e tem como objetivo criar obras adequadas ao seu propósito, visualmente agradáveis e capazes de provocar um prazer estético.”

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER 1976, p.94).

A qualidade ambiental nas cidades vem abrangendo não apenas a vida e atividades de seus habitantes, ao considerar os impactos ambientais, sua influência destaca o contexto regional e estadual. As áreas verdes vêm desenvolvendo um papel muito importante no equilíbrio das vias urbanas e o meio ambiente, os espaços utilizados para a preservação arbórea, são também destinados à recreação e ao lazer. (AMORIM, 2001).

3.4 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

A qualidade do ambiente urbano está relacionada a inúmeros aspectos entre eles pode-se ressaltar a influência do verde urbano na cidade, a ausência de áreas verdes às questões relacionadas a aspectos sociais, estéticos, de lazer, políticos e culturais, entre outros. As relações sociedade-natureza moldam o espaço físico urbano através das atividades e necessidades do ser humano, resultando na transformação e apropriação da natureza. (Loboda,2003).

Segundo Sanchotene (1994), aos espaços arbóreos no ambiente urbano tende a melhorar o micro clima, por diminuir a amplitude térmica, interfere na velocidade e direção dos ventos, proporcionam sombreamento, embeleza as cidades, diminuem a poluição atmosférica, sonora e visual e contribui para a melhoria física e mental dos seres humanos. Para Dantas e Souza (2004), a são benefícios múltiplos, pois variam o colorido que exhibe realçando a cidade, atua como abrigo e alimento à fauna e proporcionam lazer nas praças, parques e jardins, ruas e avenidas de nossas cidades, mais é essencial o planejamento para a distribuição arbórea.

3.4 CONCIENCIA AMBIENTAL

Gonçalves e Dias (2009), define consciência ambiental como uma tendência resultante de posicionamento a um indivíduo de maneira favorável ou contrária sobre assuntos relativos ao meio ambiente. Como por exemplo a Gestão Ambiental que é uma temática amplamente discutida, e sua evolução histórica acompanha o agravamento das questões ambientais, decorrentes de um desenvolvimento que não considerou os impactos relevantes da revolução industrial e a finitude dos recursos naturais. Somente a partir dos encontros mundiais passou a se discutir meio ambiente em pauta global, o conceito ecológico vem se ampliando, dentro de um modelo de desenvolvimento que busca uma relação de equilíbrio, resgatando uma nova ética na relação do homem com a natureza (SCHRAMM, 1999).

[...] a crise ambiental leva-nos a interrogar o conhecimento do mundo, [...] corporifica um questionamento da natureza e do ser no mundo, com base na flecha do tempo e na entropia vistas como leis da matéria e da vida, com base na morte vista como lei limite na cultura que constitui a ordem simbólica do poder e do saber. [...] A complexidade ambiental inaugura uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer, sobre a hibridização de conhecimentos na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade; sobre o diálogo de saberes e a inserção da subjetividade, dos valores e dos interesses nas tomadas de decisão e nas estratégias de apropriação da natureza. (LEFF, 2000).

Para Soares (2004) a construção base de uma sociedade é transmitida para reflexão com exemplos das relações entre o ambiente, a desigualdade, e a violência, e deve ser passada de diversas formas e sobretudo no plano da subjetividade, dos valores e da mentalidade, orientando ações na sociedade. Em relação ao campo e cidade, se mantém uma desigualdade social, infectada pela corrupção ambiental, cujo resultado está cada vez, mais claro, que se evidencia nas favelas, na devastação ambiental, nos fatores resultantes pela sobrevivência, no consumismo expostos nas vitrines, com enorme variedade de recursos extraídos da natureza. A complexidade da questão ambiental coloca ao mundo contemporâneo valores de preservação, abrangendo saúde, a educação, possibilitando qualidade de vida e cultura, questionando desafios presentes para uma perspectiva sustentável, articulada nos valores de justos sociais, alicerçada na democracia, nos direitos humanos, a satisfação de necessidades humanas básicas.

Leff, (2001) conceitua o meio ambiente, ao contemplativo e relevância ao homem, e deve ser entendido como uma categoria sociológica, “relativa a uma racionalidade social, analisada por comportamentos, valores, saberes, e potenciais produtivos. O autor afirma que a consciência ambiental se implica em buscar consolidações e novos valores de forma de ver e de viver no mundo, a partir da complexidade ambiental, que possibilita novos padrões de construções cognitivos que relaciona homem/natureza, a produção que reconheçam a interdependência e o inacabamento de qualquer ação, de (des)construir e (re)construir o pensamento a partir da ciência, da cultura e da tecnologia, a fim de mover o processo criativo humano possibilitando a sobrevivência no tecido social, ambiental e tecnológico.

Segundo Gomes (2006) destaca uma sociedade que ainda convive com visões antropocentrista que defendem a utilização recursos da natureza, de modo desenfreado para satisfazer as suas necessidades. Jacobi (2003) argumenta que esse descaso a recuso natural se resulta pela falta de informação e conscientização ambiental, e questiona que o correto seria a

educação ambiental vista e executada como uma aprendizagem permanente valorizando as diversas formas de conhecimento desenvolvida a produção de conhecimento contemplada a inter-relações do meio natural com o social formando cidadãos ativos.

Para Sauv  (2005) a educação ambiental deve se seguir as relações baseada ao homem e o meio ambiente, acrescenta que a necessidade de reconstruir o sentimento de ser parte integrada à natureza e que esta é a identidade de ser vivo entre os demais seres vivos. Baseado nestes conceitos ecológicos, afirma que a educação ambiental contribui na aprendizagem sobre a diversidade, a riqueza e complexidade do meio e, do ecossistema, estimulando o desenvolvimento de habilidades a investigação da realidade vivenciada e a solução de problemáticas pertinentes, e a formulação de hipóteses preventivas. O desenvolvimento de competências, reagentes a estimulantes para a proteção e preservação.

Segawa (1996) refere-se a implantação de novas tecnologias informativas e comunicativas, favorecendo, simplificando estímulos nos processos educativos, aguçando a percepção críticas do pensamento, reavaliando as vivências e convivências aos seus valores, culturas e saberes, baseados em princípios  ticos, da prática da constante a “reflexão” do conhecimento.

3.5 PRODUÇÃO PAISAGISTICA NO BRASIL

O Paisagismo se   notável desde o período colonial e não tinha seu estilo marcante. A vegetação, e as árvores eram utilizadas para amenizar o calor tropical. Mais antigo parque urbano do Brasil destinado a servir   população. Criado por ordem do vice-rei Luís de Vasconcelos de Sousa, foi projetado por mestre Valentim da Fonseca, exibia um traçado extremamente geométrico, inspirado nos jardins clássicos francês. Na história o paisagismo começou a ser documentado no Brasil com a chegada de Dom João VI, em 1807.foi quando o Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi destinado ao cultivo de espécies para a produção de carvão, m teria-prima para a fabricação de pólvora, o cultivo espécies para chá, cultivo em geral de plantas e ainda produção de especiarias (cravo, canela). Já no século XVIII, os jardins foram adaptados aos interesses individuais, buscando estimular a sensibilidade à paisagem, acarretando uma preocupação em integrar flora no traçado da cidade. Assim ao século XIX o paisagismo no Brasil definiu-se, ao sofrer influência Européia, mais precisamente francesa e inglesa essa influência fez com que assumisse uma identidade própria, (MUNTA, 2011).

A forma pela qual a paisagem é projetada e construída reflete uma elaboração filosófica e cultural, que resulta tanto da observação

objetiva do ambiente quanto da experiência individual ou coletiva com relação a ela. (LEITE, 1993).

Segundo MACEDO (1992), a paisagem transcreve um universo de trabalho que remete sensações, e podendo ser dividida em elementos associados a transformação permitida a novas criações com métodos e técnicas de avaliação. Elementos sequenciados de suporte físico, nele incluindo o solo, subsolo e águas, vegetação, edificações, estruturas urbanas e o ser humano, que se diversifica nas linhas projetuais, e sintetizam as abordagens destacando-as desde a compreensão dos processos ecológicos ao posicionamento do atendimento as questões sociais e culturais, no jogo com aparências, se reatam as mais naturalísticas enfatizando e valorizando dados de natureza, de um simples arranjo a até as paisagens mais elaboradas com resolução mais processada, com significados vinculados aos processos humanos, palco de sociabilidades (SEGAWA, 1996).

No Brasil o paisagismo vem aos Sec. XX, com uma identidade projetual própria, com o passar dos anos 40, com influência de Roberto Burle Marx, na definição dos paradigmas do Paisagismo moderno brasileiro, o respeitado artista plástico, e com uma profunda paixão a flora tropical, destacando-se ao paisagismo moderno. Já Mina Warchavichick, com seus jardins de cactos e plantas tropicais, Waldemar Cordeiro, artista plástico, explicitou suas artes aproximadas aos projetos. Outro nome bastante importante foi Roberto Coelho Cardozo, que mestreou a disciplina de influência do referencial americano, criando uma “escola paulista de paisagismo” FAUUSP, que formou arquitetos paisagistas referência a partir dos anos 60, em um campo de investigação profissional, entre estes Miranda Magnoli, Rosa Kliass e em segunda geração: Silvio Macedo, Paulo Pellegrino, Benedito Abbud e outros. (LEFF, 2001).

O paisagismo conquistou seu espaço e está cada vez mais presente nas cidades, proporcionando beleza e bem estar. Definida como arte de conectar a natureza ser humano, se fazem presentes em arranjo de flores, queda d'água com peixes ornamentais, pequenos recantos, e até em grandes jardins. Segue o paisagismo proporcionando ambientes bonitos alegres que resultam na qualidade de vida coletiva, além da contribuição para o meio ambiente, reaproveitando e valorização de áreas vagas ou de descaso. O Autor destaca a importância de investir em paisagismo e jardinagem, e as vantagens no auxilia ao combate do aquecimento global (MUNTA, 2011).

3.6 ANALISE DO LAZER E QUALIDADE DE VIDA

As características apontadas por Marcellino (2001) sobre lazer situa o caráter espontâneo, conjunto de escolhas que refletem, a subjetividade da vivência. O autor ainda advoga a perspectiva de um lazer vinculado à educação, proporcionando o desenvolvimento pessoal, momentos de criação e recriação da cultura. Para Padilha (2000) o status adquirido pelo lazer é fruto de uma sequência de conquistas ao longo dos séculos em âmbito mundial. É o regate do tempo “livre”, que passa a ser e ocupado com atividades funcionais e de contemplação, que manter os corpos sadios.

[...] o lazer se constitui de fato um direito social apenas quando a existência de um conjunto de instituições públicas consegue assegurar sua realização e concretude, o que nos remete à ideia de uma conquista permanente. Sendo assim, nosso cuidado deve ser redobrado, pois o discurso do direito ao lazer, tão presente em nosso meio, está impregnado de fantasmagorias. (MASCARENHAS, p. 34 2007).

Segundo Gonçalves (2004), qualidade de vida é a soma dos resultados positivos agregados ao estilo de vida do sujeito, que se caracteriza aos hábitos aprendidos e adotados no decorrer da vida, na realidade familiar, ambiental e social. A qualidade se dá a somatória de ações que refletidas em atitudes, os valores e as oportunidades na vida das pessoas, considerados ao bem-estar pessoal, o autocontrole do estresse, a nutrição equilibrada, a atividade física regular, os cuidados preventivos com a saúde e o cultivo de relacionamentos cultural. (BARBOSA, 1998).

Almeida (2012) analisa o termo a qualidade de vida, notando que o emprego da palavra Qualidade esclarece a forma de percepção empregada no mundo, que estabelece uma existência inerente ao campo de conhecimento, se não se limita ao bom ou ruim, e se destaca entre os homens, no interesse pela vida. Se estabelecer em algo a ser alcançado, como um objeto de desejo e incorporado à vida na consequência de esforço e dedicação individual, embutidas no padrão de boa vida na sociedade.

Na área hospitalar, a demanda de pacientes com doenças crônicas, costumam permanecer por longos períodos hospitalizados, seja para estabelecer diagnóstico médico na realização de exames ou para as quimioterapias, no caso das neoplasias; seja para tratamento das doenças neurológicas, bronco-pulmonares, renais, diabetes mellitus, entre outras. E esse período necessário que o paciente consiga a obtenção dos tratamento e exames, se torna ocioso,

permitindo momentos vazios que induz a preocupações relacionada a doença aos riscos, lembranças, saudades da família, acarretando a possibilidade depressiva, e ao agravando da doença. (BORENSTEIN, 1998).

3.7 A VALORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS

Santos (1986) apresentar os valores espaciais a um objeto da Geografia, e considerando o futuro a partir do presente, e análise do passado, “o espaço é a acumulação desigual de tempos”, quando trabalhado com excelência, acumula decurso do tempo, se torna fundamental da totalidade social, o aproveitamento local condiciona as atividades da sociedade em um todo. Na síntese relacionada aos sistemas de objetos e de ações, que por hora define o espaço, “[...] própria natureza do espaço, formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade”. Uma síntese provisória e renovada e aberta a reelaboração e contradição, da relação dialética do espaço e sociedade (SANTOS, 2004).

Lefebvre (1999) entende que a urbanização é uma condensação de processos de produção social e espacial, baseada na criação e ampliação de um espaço abrangente, instrumentalizado e mistificado. Nas cidades o solo segue com valor agregado determinado a sua localização e desempenho inserido, ao trabalho social, coletivo, obras urbanizadoras convencionais, buscavam a funcionalidade e acabavam causando uma poluição visual, sem levavam em consideração, ou preocupação com a beleza. Cassilha (2009) cita o início dos problemas, no uso de algumas áreas, desvalorização de outros, uso de modo incorreto e até abandono e marginalização de áreas. Para solucionar a degradação, as prefeituras ofereçam opções atrativas para consumo e investimento. Direcionando seus para áreas não centrais, e a revitalização aos locais necessários.

3.8 CONFORTO TERMICO

Conforto térmico está relacionado ao equilíbrio térmico do corpo humano e as influencias sofridas, que condicionam um equilíbrio térmico favorável. Esse conforto térmico depende de algumas grandezas físicas, a temperatura do ar, a temperatura da superfície, a umidade a velocidade do vento, inter-relacionadas diretamente a concepção arquitetônica influenciadas, desde o posicionamento, distribuição ocupacional, dimensões, tipologia dos materiais, entre outros princípios da arquitetura sofre também influencia das condições

ambientais, que por sua vez vêm sendo ameaçada pela impermeabilização do solo e ausência de vegetação. (RUAS, 1999).

Freitas (2005) enfoca que o conforto térmico a um indivíduo podendo variar entre 14 a 18°C em lugares de clima temperado ou frio. E em climas quentes e úmidos a sensação de bem-estar se dá nas temperaturas próximas a 25°C. O conforto térmico aplica-se aos ambientes internos e externos. Sendo e externo fruto das condições ambientais, em muitos casos já com intervenções exercidas pelo homem, resultam na formação de ilhas de calor. E os ambientes internos são influenciados pelo externo, necessitando muitas vezes de equipamentos para amenizar as os excessos. (BUENO, 1998).

Romero (1988), cita que as principais mudanças climáticas, são decorrentes da urbanização desordenada, e a troca da cobertura vegetal pelas construções rodeadas de pavimentações, que resultam em problemas, desconfortos, stress, e atingem diretamente saúde física e mental dos habitantes.

Conforme Furtado (1994), a vegetação propicia resfriamento passivo, com a arborização, reduz a conversão de energia radiante, que acarreta na redução das temperaturas da superfície e no resfriamento da folha e o ar adjacente com a troca de calor. Para Mascaró (1996) percebe que a paisagem muitas vezes se faz necessário por apresentar soluções aditivas a obtenção do conforto. E incorpora uma estreita relação com a arquitetura ao longo da história, pois cria uma ambiência urbana agradável.

3.9 SUSTENTABILIDADE NA CRIAÇÃO DOS PARQUES

O princípio da sustentabilidade ganhou respaldo na fase onde a necessidade da conservação do meio onde vivemos de mostrou necessária. A crise ambiental foi fruto de uma crise derivada do desequilíbrio da economia e meio ambiente. Com a necessidade de zelar pelos recursos naturais evitaria um colapso na produção. (MARRA, 2011). Esse processo só veio a ocorrer a partir da globalização e degradação ambiental. Foi desenvolvido em um plano de orientação, que embasou a nova geração da racionalidade demarcada de fundamentações reflexivas ao crescimento econômico, com consciência amplamente voltada a sobrevivência múltipla.

O princípio da sustentabilidade é capaz de favorecer a preservar o meio ambiente natural e cultural, proporcionando mudanças políticas e pedagógicas a educação ambiental dos cidadãos, abrangendo a democracia participativa e a racionalidade ambiental. Interagindo com os potenciais da natureza, os valores humanos, as identidades culturais, e explorar processos

ideológicos de materiais diferenciados, assim, traçando estratégia que atendam novas técnicas construtivas. (LEFF, 2003).

Marra (2011) acrescenta que tem várias iniciativas, com o intuito de preservar o riquíssimo patrimônio ambiental natural, como o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, que tem como categoria, os parques nacionais. E valoriza os benefícios trazidos em decorrência da proteção do meio ambiente. Cuidar da natureza não é simplesmente impedir o corte de árvores, mas ensinar as pessoas como conviver com o meio onde vivem, de forma harmoniosa, proteger, zelar pelo planeta.

4. CORRELATOS

4.1 FORMA CONSTRUTIVA

4.1.1 PRAÇA VICTOR CIVITA.

A praça foi construída em uma área degradada, antiga incinerador pinheiros, o espaço foi reestruturado passando a ser área esportiva e de lazer com uma programação vasta, recebe uma vez por semana eventos, expõe tudo sobre sua instalação história festivais, fotos de eventos ecológicos. (WIRTZBIKI, 2015).

A Praça Victor Civita projetado por Levisky Arquitetos Associados, com a participação da arquiteta convidada Anna Dietzsch, com intenção da recuperação de área degradadas, o projeto iniciou em 2006, em São Paulo. O projeto foi elaborado voltado a sustentabilidade, visando consumo de energia, e utilizando materiais reciclados, reuso água. O projeto foi um desafio urbanístico, social, político e cultural. A cidade além de recuperar uma área degradada, pode usufruir de um museu aberto com uma proposta educativa sobre as informações do projeto (HELM, 2011).

O deck em madeira impede o contato direto com o solo, o percurso projetado faz com que as pessoas percorram caminhos propostos dando uma visão privilegiada do entorno do espaço, o parque busca criar grandes "salas urbanas"

Figura 1: Área central da praça Victor Civita, detalhe do deck suspenso



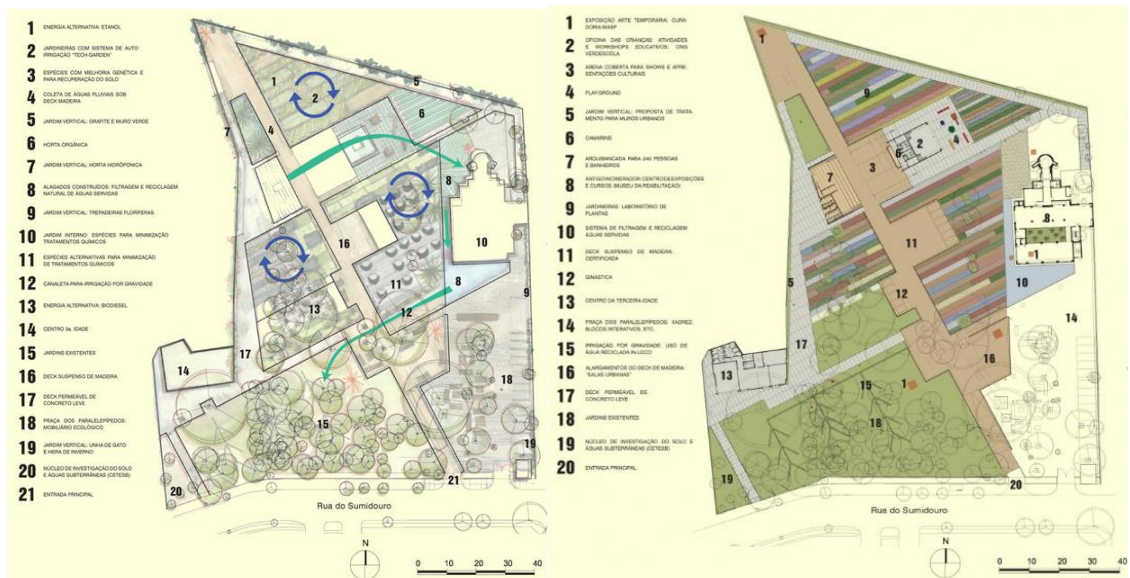
Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Figura 2: Caminhos Praça Victor Civita.



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Figura 3: Diagrama Praça Victor Civita.



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

4.2 PARTIDO ARQUITETONICO

4.2.1 GREENING SLACK PLAZA

Charleston, Virgínia GREENING SLACK PLAZA Sobre a Greening Americas Capitals A Greening Americas Capitals o projeto surgiu de uma Parceria entre Comunidades Sustentáveis e Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA), o Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano dos Estados Unidos e o Departamento de Transportes dos Estados Unidos Implementável de bairros distintivos e ambientalmente amigáveis que incorporam estratégias inovadoras de construção verde e infraestrutura verde. O projeto design sustentável ajuda a apoiar comunidades protegendo o meio ambiente, focada na economia e na saúde pública, seu desenvolvimento dos bairros com múltiplos benefícios sociais, econômicos e ambientais. Sua paginação de piso detalhe que engloba um designer visível e orgânico embelezando ainda mais o local.

FIGURA 04 – Diagrama Greening Slack Plaza



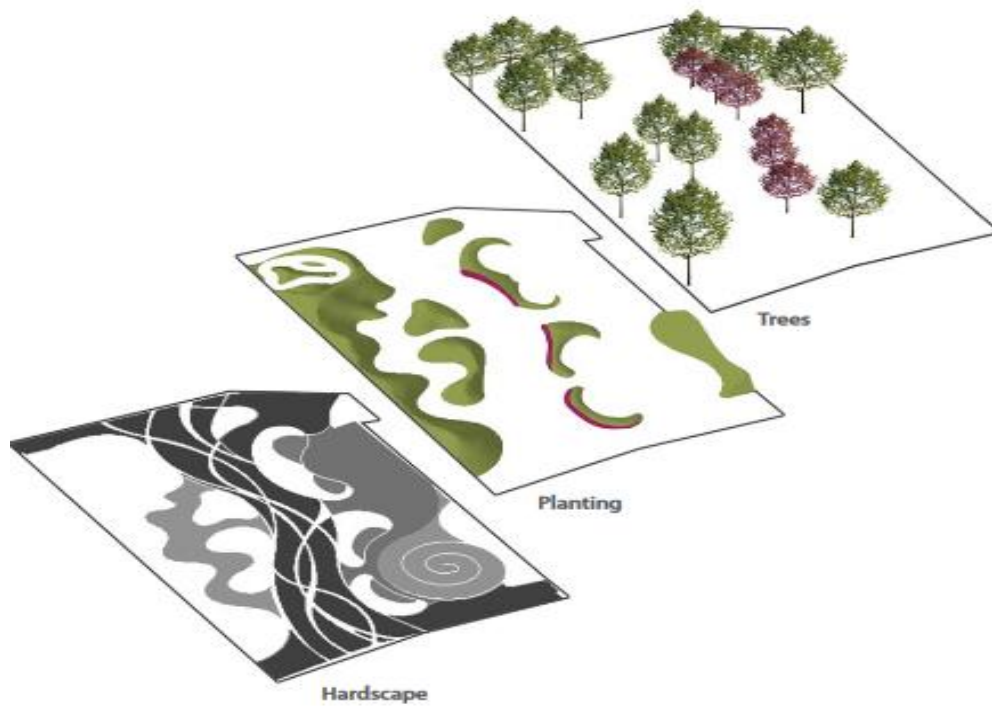
FONTE: Greening Slack Plaza Charleston, West Virginia.

FIGURA 05 – Calçada Greening Slack Plaza



FONTE: Greening Slack Plaza Charleston, West Virginia.

FIGURA 06 – Diagrama Greening Slack Plaza



FONTE: Greening Slack Plaza Charleston, West Virginia.

4.3 PROPOSTA CONCEITUAL

4.3.1 PARQUE DE PALEY

Tamanho: 4,200 pés quadrados. 1acre

Localização: Midtown Manhattan, Nova Iorque, Nova Iorque

Data de criação: 1967

Desenhado por: Zion e Breene Associates

O espaço oferece um ambiente tranquilo propício ao descanso. Paley Park é um dos mais bem conhecidos e sucedidos de todos os parques de bolso. Segundo Barra (2006) o projeto foi criado para homenagear o pai de William Paley, que já não se fazia mais presente, a compra do terreno já foi com intuito de criar ali um memorial. O espaço hoje é considerado um oásis em Manhattan, seu projeto mantém as linhas de visão claras e uma conexão com a rua, sua infraestrutura é simples, constituída de árvores altas, floreiras, bebedouros e uma cascata artificial de 6 m de altura, que jorra 6.800 litros por minuto que se destaca em ponto focal, um convite atrativo para entrar no parque, o som da água caindo faz com que o ruído da cidade desapareça criando a sensação tranquila e privativa, o mobiliário proposto teve a intenção de variar a organização do espaço, por serem práticos leves e moveis, e de material que necessita de pouca manutenção. Há também uma cafeteria, com preços razoáveis.

FIGURA 07 – Entrada do Parley Park



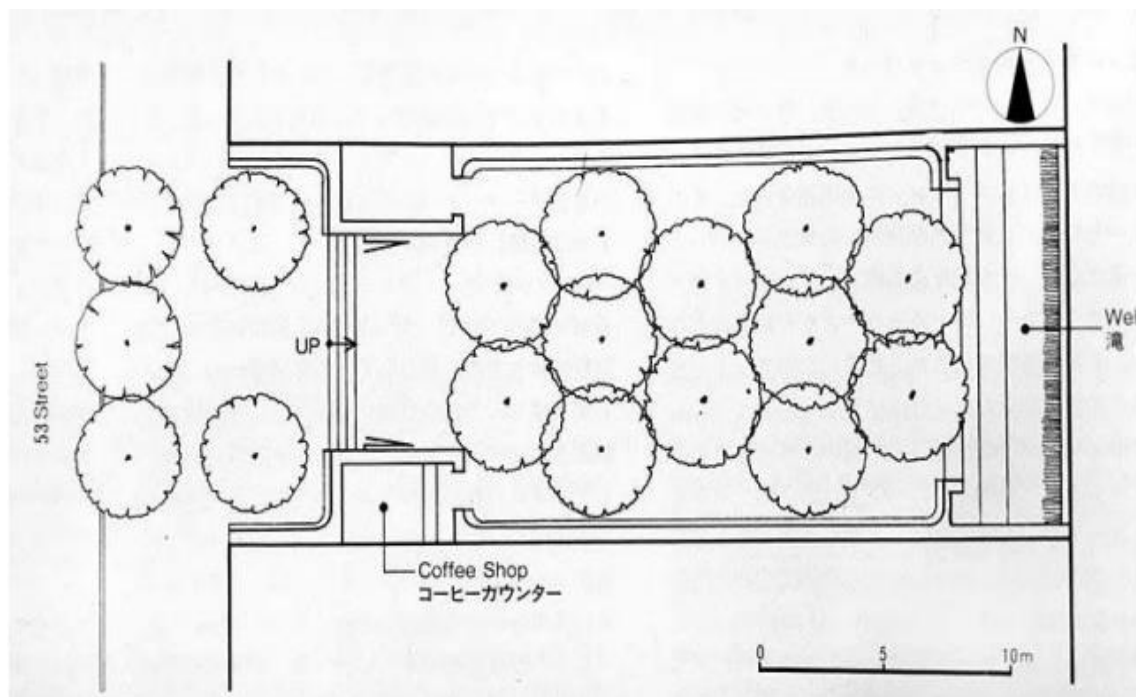
FONTE: areasverdesdascidades.com.br

FIGURA 08 – Cascata Parley Park



FONTE: areasverdesdascidades.com.br

FIGURA 09 – Diagrama Parley Park



FONTE: areasverdesdascidades.com.br

4.4 PROPOSTA FUNCIONAL

4.3.2 GREENCRE PARK

Tamanho: 60pés de largura e 120 pés de profundidade

Localização: Nova Iorque.

Data de criação: 1971

Projetado por Sasaki, Dawson, DeMay Associates

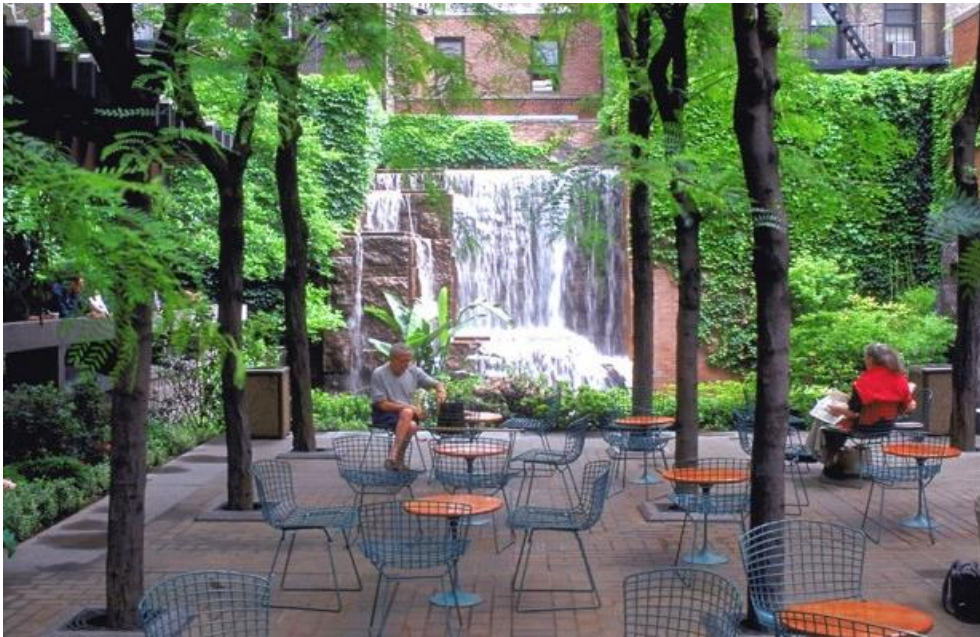
O "parque de bolso colete", oferecendo a população uma experiência íntima parque urbano. Segue o modelo de Paley Park, transmite uma impressão de tamanho muito maior através de uma série de áreas bem definidas e separadas. Espaços, plantio exuberante, variação de textura e o uso dramático da água. Separado da rua por degraus cobertos de treliça, o primeiro terraço é sombreado por gafanhotos de mel e introduz água primeiro como uma fonte e, em seguida, como um túnel, coletando gotejamentos de água da base da alvenaria de textura altamente texturização da parede leste (MALUF, 2017). A dramática fonte de cascata de 25 pés de altura no terraço traseiro submerso é o ponto culminante do jardim. No lado oeste, um terraço mais alto, coberto por cúpulas de gesso e acrílico, oferece uma vista protegida para baixo para o jardim. Ao longo do jardim urnas de flores anuais oferecem cores sazonais e mobiliário móvel permite o uso flexível dos terraços do parque.

FIGURA 10 – Greenacre Park



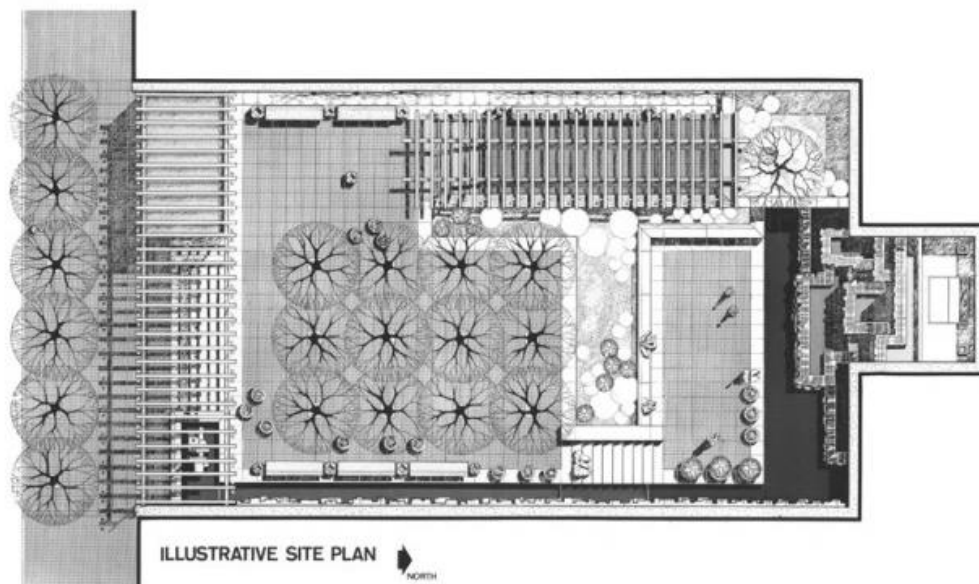
FONTE: The Cultural Landscap Fundation

FIGURA 11 –Cascata Greenacre Park



FONTE: The Cultural Landscap Foundation

FIGURA 12 – Diagrama Greenacre Park



FONTE: The Cultural Landscap Foundation

5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

Este capítulo tratará das bases teóricas e conceituais consideradas a importância de implantar *Pocket Park*, os fatores relevantes, localização, e o público alvo, plano de necessidades, a aplicabilidade e a composição da tipologia para análise a iniciação da proposta ao projeto aplicado.

5.1POCKET PARK

Os *Pocket Parks*, são conhecidos como minipark ou parques de bolsos, são espaços abertos, e pequenos, e atender a uma variedade de necessidades, suas funções podem incluir brinquedos, espaços para relaxar ou conhecer amigos, fazer pausas para o almoço, um refúgio da agitação da vida urbana circundante e oferecer oportunidades de descanso e relaxamento.

Na organização de parques de bolso, os designers optam pelo equilíbrio, podendo ter características únicas em terrenos vagos ou espaços de outra forma esquecidos. Que ganham função de apoio comunitário, funções ecológicas dos parques de bolso são provavelmente limitadas, mais que podem funcionar como remendos para alguns animais, Particularmente pássaros. (MALUF, 2014).

A leitura dos espaços públicos existentes em determinada cidade ou região poderá indicar a necessidade de adaptações ou a criação de novos espaços, bem como evidenciará os problemas e potencialidades de cada lugar, a fim de direcionar os investimentos necessários e suas prioridades. Os pontos de análise de cada espaço público existente podem variar de acordo com a escala e com o tipo de atividade, mas há algumas características básicas para definir as condições de um espaço público, tais como: • Condições de circulação para o pedestre e modais não motorizados • Acessibilidade • Arborização • Segurança • Conforto • Áreas de estar e permanência • Atividades realizadas • Apelo visual. (GAMITO, p. 20. 2013).

Para Macedo e Sakata (2003) os espaços podem oferecer gramados corpos d'água, seguir uma linguagem despojada com livre para descanso as diversas faixas etárias, buscando sempre acessibilidade. Inclusão de elementos organizados nos espaços públicos acarretam a qualidade dos espaços de uma cidade ou região, e suas carências e suas necessidades, resultando na relação à identificação dos pontos de interesse e o levantamento de problemas e potencialidades.

Consideramos como parque todo o espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno (MACEDO, p. 14 -15. 2010).

Definidos como áreas verdes, variáveis integradas a estrutura urbana e a preservação, estão relacionada com a integração e a dinâmica da cidade, refletida nas ações humanas e vinculadas ao processo histórico, traduzindo na importância do planejamento do meio físico urbano, e a qualidade destes espaços, de acordo com (AMORIM, 2001).

5.1 CASCATEL - PR

Com cerca de 300 mil habitantes e situada há 492 km da capital do Estado do Paraná, Curitiba, CascateL é uma cidade jovem e promissora, consolidou a posição de polo econômico regional e epicentro do Mercosul. Possui uma grande infraestrutura, comércio e serviços, que demonstram todo o potencial tecnológico da cidade. As forças que tornaram CascateL um polo regional também estão ligadas ao agronegócio, desde a presença de culturas agroindustriais, passando pela comercialização, até o desenvolvimento da oferta de serviços cada vez mais especializados. (IBGE, 2016).

CascateL situa-se no Terceiro Planalto do estado, na região oeste paranaense, com uma altitude média de 785 metros e uma área territorial de 2.100,831 km². A área rural é composta por 8 distritos administrativos: Sede, Diamante, Espigão Azul, Juvinópolis, Rio do Salto, São João do Oeste, São Salvador e Sede Alvorada. Está a uma distância de 491 km da capital do Estado (Curitiba), de 136 km do município de fronteira com Paraguai (Foz do Iguaçu) e 585 km do litoral (Paranaguá). As principais rodovias que margeiam a cidade são a BR 277, BR 467, BR 369, BR 163, PR 180 e PR 182. (PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCATEL, 2016).

Ibema, Iguatu, Iracema do Oeste, Jesuítas, Lindoeste, Nova Aurora, Quedas do Iguaçu, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Três Barras do Paraná e Vera Cruz do Oeste. (PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, 2016).

Segundo Coniacc (1994) o complexo oferece Casa de Apoio, obra está com 1790 m², com 60 leitos hospeda pacientes e acompanhantes, regionais para tratamento oncológico no Hospital do Câncer de Cascavel-UOPECCAN. Os pacientes são atendidos na Casa de com refeições diárias, complemento nutricional satisfazendo a necessidade individual de cada paciente, pois, a alimentação é muito importante na recuperação do paciente. O serviço prestado procura dar qualidade diária, desde a entrada até a saída pois é de extrema importância a atenção e o respeito, principalmente nesta situação de fragilidade e vulnerabilidade na qual se encontram os pacientes durante seu tratamento.

5.3 LOCALIZAÇÃO

Cascavel – PR

Loteamento 13 - SANTO ONOFRE Quadra 0021, Lote 006B Cadastro:114403500

Rua: Itaquatiras Nº 792 Área (m²): 262,50 Testada principal: 17,5

Figura 14 – Terreno



FONTE: autora

Figura 17 – Limite do terreno



FONTE: Autora

5.4 TERRENO

Levantamento local apontou pontos de movimento de pedestres intenso, analisados os problemas e potencialidades do entorno, cenário formado das condições locais, identificou o pouco aproveitamento do espaço, escasso a demanda de bancos para acomodar em eventuais esperas. A necessidade de introdução de algumas atividades com usos vinculados e demanda de lazer podendo a vim dinamizar área específica que atenda principalmente os frequentadores da UOPECCAN. Ao seu entorno está localizado além do hospital, farmácias, mercados, lanchonetes restaurantes, pensões casas residenciais, uma igreja.

5.5 FUNCIONALIDADE E APLICABILIDADE

Com a possibilidade de influência na qualidade de vida, destacam-se a infraestrutura urbana, e as áreas verdes, contribuintes essenciais para o desenvolvimento das cidades. Contribuem diretamente a melhoria do conforto térmico, e valoriza o layout a cidade. (GATTI, 2013). A esse conceito se define o programa do projeto, o estudo da setorização das atividades

no terreno, um dimensionamento prévio. Escolhas pautadas nas relações estabelecidas com o entorno, proporcionando sombra aos espaços como opções de lazer e qualidade de vida.

Para atender a critérios funcionais e estéticos, de um *Pocket Park* e para que se torne uma paisagem cultural, o espaço representara uma obra, e mostrara as pessoas um a paisagem nova diferenciada do que estão acostumadas, imagem de lote baldio que limitado para os carros, sem atrativos e significados, consequentemente invisíveis aos olhos dos transeuntes. A pequena área, de 262,50m², é um pequeno espaço e que remetera transformação da região em termos de ambiência e qualidade estética e térmica. Criando um espaço de convívio e de beleza ase contemplada.

5.7 PLANO DE NECESSIDADES

O programa de necessidades atendera os principalmente o público do hospital UOPECCAN, com seu acesso na Rua Itaquatiras o espaço destinado ao lazer. Incluirá como plano de necessidade:

- Presença de água (queda / cascata, espelho);
- Mobiliário;
- Edificação;
- Vegetação;
- Paginação de piso;
- Acessibilidade;
- Iluminação;
- Café.

5.8 MOBILIARIO PROPOSTO

A ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas, utiliza nomenclaturas diferentes para identificar os mesmos objetos, ou seja, na norma NBR 9283 de março de 1986, utiliza o termo mobiliário urbano para definir que são: “todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados”. Na NBR 9284 de março de 1986, ela faz referência a mesma definição utilizando o termo equipamento urbano.

A definição mais detalhada dos equipamentos urbanos comunitários encontrada na NBR 9284 que os conceitua como:

Todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público em espaços públicos ou privados. (NBR 9284, 1986, p.01).

A implantação do mobiliário urbano em um espaço público tem como função a melhoria do conforto das pessoas, mas também marca a identidade dos espaços. (GATTI, 2013). O mobiliário urbano se destaca na beleza estética, decora a cidade, preenche a funcionalidade satisfazendo, facilitando a vida dos usuários, sendo acessível a utilização das pessoas com dificuldades motoras ou visuais, reforçando desta forma a identidade local, e valorizando o seu meio envolvente. (GAMITO, 2012).

Equipamentos propostos, inclui-se bancos, conjuntos de mesas e cadeiras, lixeiras, luminárias, brinquedos infantis, assentamento e junções de pisos escadas e rampas, corrimãos, deques, e guarda-corpos, preferencialmente materiais resistentes e com inércia térmica. A iluminação deve ser adequada e diversificada de diferentes tipos para compor o espaço, a sinalização e comunicação visual é fundamental para a criação de uma identidade do espaço público projetado e para garantir uma boa orientação ao usuário e um bom uso dos espaços. (BARRA, 2006).

Gamito (2012) cita as influências que o meio ambiente recebe com a percepção das cores, e as interpretações do cérebro a variação de informações enviadas pelo olho em função do contexto em que elas se inserem. A percepção visual é auxiliada pelas sinestésicas associações de sentidos, mas esta não é suficiente para a identificação completa de um objeto, sem a intervenção da memória, o cérebro associa as cores de um objeto na memória, e resulta no armazenamento. Assim, mesmo sob diferentes variações de iluminação, o cérebro decifra a cor. Informação que estava registrada na memória releva a cor e anula a influência do meio ambiente.

As associações provocadas pelos matizes podem ter, simultaneamente, conotações positivas • O branco está associado à luz, higiene e limpeza, esterilidade e frio. • O preto é a ausência de luz, e está associado à sujidade e ao peso. • O amarelo é expansivo e transmite a sensação de proximidade. Sendo a mais luminosa das cores, está associado à luz e calor, mas quando tende para o verde torna-se ácido. • O laranja saturado é excitante e estimulante, enquanto um laranja mais luminoso é apazível e quente. • O vermelho tem o maior impacto visual, sendo a primeira cor que se vê no náusea, azedume e deterioração. Apertar diferentes associações: bora os contrastes de luminosidade estejam associados à precisão e objetividade. Sensações de

medo. As composições de luminosidade baixa acentua a percepção de profundidade de espaço. (GAMITO, pg.82, 2012).

5.9 VEGETAÇÃO

Indica-se sempre o plantio de espécies nativas, para garantir seu bom desenvolvimento e a atração da fauna local, e a escolha de espécies de fácil manutenção e com bom desempenho em todas as estações do ano, à medida que os espaços públicos brasileiros muitas vezes carecem de manutenção adequada ou estão sujeitos à ação depredatória do homem. (GATTI, pg. 53, 2012).

Para Gatti (2012) o dimensionamento da vegetação o projeto paisagístico, consiste na escolha das espécies (forrações, arbustivas e arbóreas) na estudos e dimensionamento das mudas, e as etapas necessárias para o plantio e conservação. Para a escolha das espécies critérios devem ser seguidos tais como o clima e o solo local, também os impactos aos quais o terreno e a área envoltória estão sujeitos, e ainda a vegetação já existente na área de projeto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do suporte teórico desenvolvido, verificou-se o aumento no crescimento da área voltada ao lazer, sendo possível analisar que o aumento deste crescimento se deu desde a Revolução Industrial, onde os homens passaram a se preocupar cada vez mais com sua qualidade de vida. Foi possível verificar os benefícios resultantes a saúde, tanto físico como mental.

A pesquisa abordou o assunto o *Pocket Park* que se destina ao descanso e o princípio de uma boa arquitetura, e são conhecidos com parques de bolso, ficam ocultos da vista das principais vias de locomoção, em um layout leve e agradável, que agrega o contexto histórico do ambiente, buscando a valorização de um local agradável, adequando a atender as necessidades das pessoas, proporcionando momentos de qualidade e contemplação a arte, além de incentivar a população a atividades comunicativas e a troca de experiência.

Foi possível verificar que os espaços servem como ponto de escape ao movimento intenso, e oferece aos frequentadores horas de lazer e um local agradável pra um lanche. Com base na pesquisa, a principal intenção do projeto é elaborar um espaço que agregue uma boa arborização, que amenize o estresse do cotidiano, e promova o contato com a natureza, oferecendo equipamentos públicos acessíveis, atendendo comunidade no geral, um espaço integrado e diversificado em suas funções. E seguindo técnicas construtivas sustentáveis e inovações que não agredam e não interfiram no meio ambiente. Importante salientar que este trabalho teve como caráter de quantificação Pocket Park ressaltando sua importância e acessibilidade, sendo fundamental para a qualidade de vida, e apoio aos envolvidos. Encerrando esse capítulo embasado a linha de pesquisa bibliográfica, a proposta a um espaço voltado atender a demanda de frequentadores da UOPECCAN, apoiando e valorizado a vida, proporcionando momentos de contemplação e distração, amenizando a realidade frustrada, da espera, e das dores.

REFERÊNCIA:

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagem: Guia de trabalho em arquitetura paisagística**. Senac. São Paulo. 2006

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato. **Qualidade de Vida Definição, Conceitos e Interfaces com Outras Áreas de Pesquisa**. São Paulo. 2012.

ARTIGAS, Vilanova. **Caminhos da arquitetura: Vilanova Artigas**. São Paulo. 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050 - Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos. 2004.

BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier: Uma Análise da Forma**. São Paulo. 1998.

BARRA, Eduardo. **Paisagens uteis: escritos sobre paisagismo**. São Paulo 2006.

BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. **Qualidade de Vida e ambiente: uma temática em construção**. São Paulo. 1998.

BARROS, Miriam Vizintim Fernandes; VIRGILIO, Haroldo. **Praças: espaços verdes na cidade de Londrina**. Londrina. 2003.

BRASIL. **Constituição Federal. Brasília: Imprensa Oficial, 1988**. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html/ConstituicaoTextoAtualizado_EC95.pdf> Acesso em: 04 Março 2017.

BORENSTEIN, Miriam Süsskind ; RIBEIRO, Patrícia; COSTA, Roberta. **Lazer e Recreação em Unidade de Clínica Médica: O que pensam e sentem os Pacientes Participantes**. Brasília 1998.

BUSS, Paulo Marchiori. **Uma introdução ao conceito de promoção de saúde**. Rio de Janeiro. 2003

CARNEIRO, Ricardo. **Direito Ambiental uma Abordagem Econômica**. Rio de Janeiro 2003.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. **Repensando as Áreas Verdes Urbanas**. Rio Claro. 2003.

CASSILHA, Gilda Amaral; CASSILHA, Simone Amaral. **Planejamento Urbano E Meio Ambiente**. Curitiba. 2009.

SOARES, Bernardo Elias Correa; NAVARRO, Marli Albuquerque; FERREIRA, Aldo Pacheco. **Desenvolvimento sustentado e consciência ambiental: natureza, sociedade e racionalidade**. Rio de Janeiro. 2004.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro. 2000.

DANTAS, Ivan Coelho; SOUZA, Cinthia Maria Carlos de. **Arborização urbana na cidade de Campina Grande – PB: Inventário e suas espécies**. Revista de Biologia e Ciências da Terra – Universidade da Paraíba, Campina Grande, 2000.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **Introdução a Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo**. Cascavel: CAU-FAG, 2005.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo. 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura popular**. São Paulo. 1976

FAG. Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. Cascavel: FAG, 2011. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/novo/arquivos/academico-online/manual-de-normas-2015-2.pdf>> Acesso em 04/02/2017.

FARAH, Ivete.; SCHLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel. **Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil**. São Paulo. 2010.

FERREIRA, João Sette. Whitaker. **A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. Anais do Simpósio interfaces das representações urbanas em tempos de globalização**. São Paulo. 2005.

FILHO. Jose Augusto de Lira. **Paisagismo- Princípios Básicos**. Minas Gerais 2001.

FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental: Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico**. São Paulo. 1997.

FREITAS, Ruskin. **O que é Conforto**. Porto Alegre. 2005.

FURTADO, Adma Elias. **Simulação e Análise da Utilização da Vegetação como Anteparo às Radiações Solares em uma Edificação**. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, 1994. (Dissertação Mestrado em Ciências da Arquitetura).

GATTI, Simone. **Espaços Públicos Diagnóstico e metodologia de projeto**. São Paulo. 2013.

GAMITO, Margarida Maria de Oliveira Allen. **Cor no Mobiliário Urbano um factor de Inclusividade, Orientação e Identificação**. Lisboa 2012. Disponível em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/cor-mobiliario-urbano-um-factor-inclusividade-orientacao-identificacao/id/56723804.html> acesso em 15 de maio de 2017.

GOMES, Daniela Vasconcellos. **Educação para o consumo ético e sustentável. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande do Sul**. 2006. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol16/art02v16.pdf>>. Acesso em: 29 abril 2017.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>> Acesso em: 24 abril 2017.

KREUZ, Ciro Antônio. **Nossa Hospital Uopecan. Cascavel**. Disponível em <http://www.oupeccan.org.br/hospita/> acesso em 18 março 2017.

KREUZ, Ciro Antônio. **Hospital Uopecan - Dedicção pela Vida**. Disponível em <<http://www.institutogrpcom.org.br/ong/uniao-oeste-paranaense-de-estudos-e-combate-ao-cancer-uopecan>> acesso em 19 março 2017

LE Corbusier. **Três estabelecimentos humanos. Debates Perspectiva**. São Paulo. 1979.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo. 2000.

LEFEBVRE, Henry. **A Revolução Urbana**. Minas Gerais. 1999.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental I: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis. 2001.

LIMA, Valeria. **A Importância das Áreas verdes para a Qualidade ambiental das Cidades**. São Paulo 2006

LIBANES, Farret Ricardo. **O Espaço da Cidade: Contribuição à Análise Urbana**. São Paulo. 1985.

LOBODA Carlos Roberto. **Áreas verdes publicas Urbanas: Conceito, Usos e Funções**. 2005 Guarapuava

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Traduzido por Jefferson Luiz Camargo. São Paulo. 1997.

MENEZES, Claudino Luiz. **Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente: A experiência de Curitiba**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial de São Paulo, 2002. Disponível em: <
<http://www.fau.usp.br/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003SilvioM-Burle.pdf>> acesso em: 02/02/2017

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços livres. Revista Paisagem e Ambiente –Ensaio**. São Paulo: FAUUSP, 1995.

MAGALHÃES, Manuela Raposo. **A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade**. Portugal. 2001.

MALUF, Renata Felizola. **Pocket Parks pontos de respiro para metrópole**. São Paulo 2014.> https://issuu.com/renatamaluf/docs/pocket_parks_-_pontos_de_respiro_pa> Acesso em 22/02/2017

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer Esporte: Políticas Públicas**. 2º edição. São Paulo 2001.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática de liberdade**. Goiânia. 2003.

MENDONÇA, Erasto Fortes. **A Regra e o Jogo: Democracia e Patrimonialismo na Educação Brasileira**. São Paulo, 2000.

MUNTA, Paula Correia. **Paisagismo**. Rio de Janeiro. 2011.

NERY, Maria Fernanda. **Quintais Urbanos**. São Paulo, 2010.

NETO, Matheus, Papaléo. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. 2002.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicada ao distrito de Santa Cecília (MSP)**. Curitiba 2008.

- OTTAWA, Carta. **Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. 1986. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf > Acesso em: 04 mar. 2017.
- OBERG, Lisa. **Desenho Arquitetônico**. Rio de Janeiro. 1979.
- OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Brasil: O perfil do Sistema de Serviços de Saúde**. Mar. 2005. Disponível em: <<http://www.mex.ops-oms.org/portuguese/gov/cd/cd46-13-p.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2017.
- OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde**. Brasília .2005 Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf> Acesso em : 04 Março. 2017.
- PADILHA, Valquiria. **Tempo livre e capitalismo um par imperfeito**. São Paulo. 2000.
- PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira. **Paisagismo I: Definições e caracterizações**.
- PAGNONCELLI, Hermínio Antônio. **Pocket Park em Curitiba**. Curitiba. 2012.
- PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL. **Prefeitura de Cascavel. Histórico das praças. Cascavel 2017**. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br>> Acessado: 12/02/2017
- REIS, Rodrigo Siqueira. **Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: Uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2001
- RIBEIRO Renata M. SILVEIRA Marco Aurélio. **Planejamento Urbano, Lazer e Turismo: Os Parques Públicos em Curitiba**. Curitiba. 2006.
- RUAS, Álvaro César. **Conforto Térmico nos Ambientes de Trabalho**. São Paulo. 1999.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife**. Recife. 2000.
- SAUVÉ, Lucie. **Educação ambiental: possibilidades e limitações**. Revista de educação e pesquisa. São Paulo, v. 31, n.2, p.317-322, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a12v31n2.pdf> >. Acesso em: 1 maio 2017.
- SANTOS, Milton A. dos. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo. 2004
- SANTOS, Milton A. dos. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo, 1982 (2ª edição: 1986).
- SEGAWA Hugo. **Ao Amor do Público Jardins no Brasil**. São Paulo. 1996.

SEPE, Patrícia Marra; GOMES, Sandra. **Indicadores Ambientais e Gestão Urbana: Desafios para construção da sustentabilidade na cidade de São Paulo**. São Paulo.2008.

SILVA, Maria Angélica Covelo; SOUZA, Roberto de. **Gestão do Processo de Projeto de Edificações**. São Paulo. 2003.

SANCHOTENE, Maria do Carmo C. **Desenvolvimento e perspectivas da arborização urbana no Brasil**. São Paulo.1994.

SCHRAMM, Fermin Roland. **A Moralidade das Biotecnologias I Congresso Brasileiro de Biossegurança**. Rio de Janeiro.1999.

SCHNEIDER, Ariane Hinça; PAULI, Dayane Rocha; VIEIRA, Diva Irene da Paz; DRAGO, Isabela; SELEME, Laila Del Bem; SILVA, Maicon Gonçalves; SOUZA, Marília. **Cidades Inovadoras Cascavel 2030 Todos Pelo Bem Estar**. SENAI Departamento Regional do Paraná. 2012.

SHAMS, Juliana Cristina Augusto; GIACOMELI,Daniele Cristina; SUCOMINE, Nivia Maria. **Emprego da Arborização na Melhoria do Conforto Termico nos Espaços Livres Públicos**. Sao Paulo.2009.

SUN, Alex. **A Projeto da praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo. 2008.

VARGAS, Heliana C. & CASTINHO, Ana Luis H. **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos Estratégias e Resultados**. São Paulo. 2006.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. Rio de Janeiro. 2000.

VIDAL Ana. **Vila Barulho d´ Água: Um Caso de Arquitetura sustentável**. São Paulo. 2005

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de paisagismo**. Porto Alegre. 2010.

WIRTZBIKI, Nicole Rocha. **Um bosque Urbano**. Fortaleza. 2015.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. São Paulo. 2009.

SITES:

<http://www.coniacc.org.br/filiados/pr/26>

<http://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-espaco-aberto-da-sustentabilidade-levisky-arquitetos/implantacao-legenda-2>).

HELM, J.Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch, 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-juliadietzsch>>. Acesso em 10 de Abril de 2016.